



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

WALQUÍZIA RAQUELLE FREIRE GOUVEIA

**PADRE FÁBIO DE MELO E GABRIEL CHALITA: DIÁLOGOS DE
LITERATURA E FÉ**

CAMPINA GRANDE

2017

WALQUÍZIA RAQUELLE FREIRE GOUVEIA

**PADRE FÁBIO DE MELO E GABRIEL CHALITA: DIÁLOGOS DE
LITERATURA E FÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, na modalidade Monografia, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Robéria Nádia Araújo Nascimento

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G719p Gouveia, Walquízia Raquelle Freire
Padre Fábio de Melo e Gabriel Chalita [manuscrito] : diálogos
de literatura e fé / Walquízia Raquelle Freire Gouveia. - 2017.
53 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento,
Departamento de Comunicação Social".

1. Catolicismo. 2. Padre Fábio de Melo 3. Gabriel Chalita 4.
Midiatização Religiosa. 5. Jornalismo literário. 6. Discurso
religioso. I. Título. 21. ed. CDD 070.4

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO FINAL DO TCC

ALUNO(S)	MATRÍCULA
WALQUIZIA RAQUELLE FREIRE GOUVEIA	112271068
TÍTULO	
PADRE FÁBIO DE MELO E GABRIEL CHALITA: DIÁLOGOS DE LEITURA E FÉ	
MODALIDADE	
MONOGRAFIA	

BANCA EXAMINADORA:

ROBÉRIA NÁDIA DO NASCIMENTO (ORIENTADORA):

Robéria Nádia do Nascimento

PATRICIA CRISTINA DE ARAGÃO (1ª EXAMINADORA):

Patrícia Cristina de Aragão

GISELI MARIA SAMPAIO ARAÚJO (2ª EXAMINADORA):

Giseli Maria Sampaio de Araújo

BANCA EXAMINADORA	NOTAS ATRIBUIDAS
A) ORIENTADORA	10,0
B) 1ª EXAMINADORA	10,0
C) 2ª EXAMINADORA	10,0
MÉDIA ARITMÉTICA (A+B+C)/3	

NOTA FINAL: 10,0 (Dez)

Campina Grande, 16 de agosto de 2017

Robéria Nádia do Nascimento

ROBÉRIA NÁDIA DO NASCIMENTO
Professora Orientadora

Aos meus pais amados Edivaldo Gouveia que agora intercede por mim de um lindo céu, e Maria de Fátima, comunicadores do colo e das histórias, responsáveis pelo itinerário do meu florescimento humano: minha infinita gratidão pela doçura, pelo amor e apoio incondicional em todos os momentos difíceis e por tornarem a minha vida viva e leve.

AGRADECIMENTOS

Escrever um TCC nos faz conviver com sentimentos de alívio e de aflição o tempo todo. Alívio por saber que a pesquisa já conseguiu caminhar passos importantes para poder assim dividir com a comunidade acadêmica os avanços, desafios e inquietações; aflição porque persiste sempre aquela sensação de que talvez não esteja completamente preparado para concluir um longo processo de reflexão. Entretanto, um jornalista deve compreender que a sensação de aflição e incompletude acompanha o ser humano desde o princípio dos tempos, sendo ela a grande responsável por transformações tão significativas em seu processo evolutivo.

Pode-se dizer que este trabalho foi guiado por muitos e diferentes sentimentos... Mas agora, sem dúvida, o que prevalece é o de gratidão a tudo e a todos que contribuíram para esta conquista.

Ao meu Deus, À Nossa Senhora de Fátima e todos os Anjos e Santos que clamei ao longo deste percurso, pois a crença e a fé me permitiram completar o caminho. À Espiritualidade Maior que está em primeiro lugar absolutamente. Porque me deu o impulso e a coragem para iniciar, a perseverança para insistir e a energia necessária para concluir e chegar até ao final. Tive todas as condições que precisei para fechar este ciclo.

Agradeço aos meus pais Edivaldo e Fátima, a vovó Juraci, que com seus exemplos simples de vida, me ensinaram a entender mais sobre a difícil tarefa de viver; que sempre haverá algo novo a aprender durante nossa existência e, a busca pelo conhecimento é um dos caminhos indispensáveis para o crescimento profissional e pessoal. Além deles, meus irmãos, em especial a Walquíria, querida irmã de sangue, de alma, de vida... Por ter me ajudado com amor a suportar as pressões da vida acadêmica participando de todo processo de produção, vibrando com cada avanço. Meu agradecimento a minha família do Brasil e da Argentina, que foram grandes incentivadores. O apoio deles foi primordial. Que os frutos desse esforço sejam revertidos para vocês, que são o tesouro mais precioso que tenho na vida.

Em especial agradeço ao meu esposo, amigo e companheiro de todos os momentos Julio Pablo Sainz, que aguentou a minha ausência dos dias de estudo, os estresses nos períodos mais críticos e não me deixou desistir. Obrigada por ter trilhado comigo lado a lado todos os desafios, desde a difícil decisão de produzir o TCC estando em outro país, se esforçando para que não faltasse nenhum recurso para realização da pesquisa, até a construção do trabalho e conclusão. Foi um processo compartilhado e por isso mais leve. O carinho e dedicação estiveram presentes em cada detalhe e tudo ficou mais fácil. Muito obrigada meu amor.

Minha mais sincera gratidão e afeto à Profa. Dra. Robéria Nádia, orientadora deste trabalho, amiga e ser humano que aprendi a amar e admirar. Obrigada por me acompanhar, me apoiar e guiar meus passos desde o primeiro ano da graduação, não somente nos trabalhos acadêmicos, mas em tantos aspectos essenciais da vida. Agradeço por dividir comigo o seu profundo conhecimento sobre o fenômeno religioso, pela convivência gentil e agradável nestes últimos anos que viabilizou a materialização deste trabalho, que é uma conquista acadêmica e pessoal muito importante pra mim. Obrigada por filiar-me ao seu coração de mãe assumindo-me como filha que merece carinho para aprender a lição necessária. Obrigada por ter olhado sem pressa para a

pintura da minha vida e nela ter reconhecido traços que mereciam mais técnica. Grata pela herança. Herança humana. Herança espiritual. Você fez minha história ser diferente.

Agradeço à Profa. Me. Giseli Sampaio, pela alegria que transmite sempre, pela amizade sincera e doce que temos a graça de partilhar ao longo destes anos. Obrigada por tudo, por sempre; por sua valiosa contribuição com ideias e conhecimentos para esta pesquisa.

À Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão, por aceitar tão prontamente participar da minha banca e partilhar observações preciosas dentro da sua possibilidade de entender o mundo.

Fica o meu agradecimento a todos os professores, coordenadores e auxiliares que fizeram parte da minha formação na graduação. A partir deles pude participar de discussões e estudos valiosos que me ajudaram não somente na formação acadêmica, mas também na lapidação do meu lado profissional.

À Ligia Coeli, amiga amorosa, por suas sugestões tão certas, pela generosidade em ler meus rascunhos e por toda força e positividade transmitidas constantemente. Só Deus poderá recompensá-la.

Não podia deixar de registrar aqui a minha mais sincera gratidão a Ana Paula. Amiga que a vida me deu. Graças a sua generosidade e boa vontade nós conseguimos tornar real a defesa do meu TCC através da vídeo conferência. Obrigada por ter se sensibilizado com a minha situação, por toda presteza de sempre e por jamais medir esforços na hora de ajudar. Sua contribuição e otimismo foram essenciais para que tudo desse certo.

E o que dizer dos amigos? Durante o curso eu tive a sorte e a felicidade, de conhecer pessoas preciosas que vou levar no coração pro resto da vida. Começando por IngridyVilarim, que desde o primeiro dia de aula nossas almas se conectaram e nunca mais se desligaram uma da outra. Obrigada por me enxergar desde sempre minha amiga, por sentir comigo e por ser humana. Quem tem você por perto tem sorte.

Meu muito obrigada a Ana Cristina, João Saraiva, Sonnaly Martins, que dividiram comigo muito mais que os quilômetros de ônibus até a UEPB. A vocês minha mais sincera gratidão pela amizade, companheirismo e paciência durante todos os anos de curso. Caminhar de mãos dadas com cada um fez tudo ter mais sentido até aqui. Agradeço por enriquecerem as discussões em sala de aula (e fora dela!) com suas ideias, por compartilharem cada momento de dúvida, angústia e alegria. Pelas viagens no 333, pelos momentos engraçados e aperreados que vivenciamos juntos. Que esse laço formado possa permanecer por muito tempo. A colaboração mútua foi a chave encontrada por nós para minimizar os percalços.

A todos os meus mais sinceros agradecimentos. Tirei hoje um peso enorme das costas. Um peso que busquei e acrescentou muito a minha vida, bem além de uma titulação. Hora de comemorar!

SUMÁRIO

Introdução	09
1.A Igreja Católica e a Comunicação: Prenúncios da Mídia-tização Religiosa.....	14
2. Aspectos do Jornalismo Literário no <i>Corpus</i> analisado	19
3. Mensagens de Esperança: Cartas e Literatura Religiosa	22
Considerações Finais	30
Abstract	32
Referências	32
Anexos	34

PADRE FÁBIO DE MELO E GABRIEL CHALITA: DIÁLOGOS DE LITERATURA E FÉ

*Walquízia Raquelle Freire Gouveia*¹

*Robéria Nádia Araújo Nascimento*²

RESUMO: Este trabalho analisa os escritos do padre Fábio de Melo e do educador Gabriel Chalita na obra *Cartas Entre Amigos- sobre medos contemporâneos*, publicada em 2009, que reúne suas experiências humanas através da crença no sagrado, transmitindo mensagens que caracterizam a Doutrina Católica. Enfoca o processo de midiatização para buscar compreender as estratégias comunicacionais de disseminação de discursos religiosos através dos mecanismos literários. Para tanto, interpreta duas correspondências que exemplificam a interface entre jornalismo, literatura e religiosidade, adotando como fundamentação teórica os estudos de Gomes (2010), Moreira (2008), Pena (2006), Lima (2004), entre outros.

Palavras-Chave: Catolicismo; Padre Fábio de Melo; Gabriel Chalita; Midiatização Religiosa; Literatura.

INTRODUÇÃO

As mudanças que ocorrem no campo religioso devido ao processo de midiatização da sociedade têm sido alvo de muitos estudos. Trata-se do fenômeno em que as instituições se adaptam à lógica dos produtos midiáticos adotando mecanismos de difusão de mensagens, via diferentes plataformas de comunicação, que ultrapassam os espaços convencionais dos templos. Esse processo permitiu que filmes, telenovelas, reportagens e obras literárias (objeto de estudo desse artigo) se transformassem em veículos de transmissão de diferentes manifestações de fé originando uma interface denominada hoje de Igreja Midiatizada.

A esse termo referem-se os pesquisadores da Igreja Eletrônica, como também da Igreja Cristã, com o intuito de investigarem tal movimento religioso sob a influência do âmbito comunicacional. Para clarificar a discussão, Gomes (2010) explica a mudança conceitual do termo Igreja Eletrônica para Igreja Midiatizada. Para entender o sentido deste novo conceito, segundo ele, é preciso examinar o passado através da história e da

¹ Aluna do Curso de Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: wal.rgouveia@gmail.com

² Professora Titular do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.
Doutora em Educação. E-mail: r.nadia@terra.com.br

filosofia, uma vez que a comunicação é um estudo recente no campo das Ciências Sociais:

A revisitação dos clássicos da antiguidade filosófica impõem-se como exigência metodológica fundamental. Daí a importância de se voltar aos filósofos gregos, antigos e medievais para recuperar a visão de unidade e de totalidade para o mundo. Se desejarmos compreender o fenômeno da midiatização como um projeto de totalidade e unidade social, é importante conversar com os filósofos que anteriormente pensaram esses conceitos. Evidentemente, seus conceitos não são autoaplicáveis aos problemas contemporâneos. Mas, conhecendo a sua gênese e origem, pode-se estabelecê-los para encontrar pistas que ajudem a interpretar a realidade atual (GOMES, 2010, p. 20).

A aproximação entre as práticas religiosas e as mídias alcançou diversas expressões de fé, incluindo a Igreja católica, que percebeu a necessidade de experimentar novas linguagens, novos modos de contato com seus fiéis, sobretudo após as táticas de arregimentação de adeptos desenvolvidas pelo neopentecostalismo. Dessa forma, a Igreja passou a adotar os veículos de comunicação como aliados nessa proposta de reconfiguração sutil das estratégias de trabalho assistencial e evangelização. Hoje, canais de TV como Canção Nova e TV Aparecida têm uma programação pensada para esses objetivos.

Analisando a perspectiva da midiatização religiosa, Gomes (2010) salienta que o mais importante não são os meios, mas a transmissão da mensagem. Moreira (2008) aponta que a relação com as mídias é uma tendência duradoura nestes tempos em que diversas religiosidades estão vivenciando um processo de adaptação ao novo cenário das tecnologias informacionais e suas táticas de difusão. Nesse aspecto, o autor salienta que o cinema, a tevê e a literatura são as instâncias sociais que mais se encarregaram até hoje da socialização da mensagem religiosa para além dos espaços sagrados. Ele afirma que:

A mídia, com a linguagem própria e a lógica econômica que a caracterizam, já é a maior fonte de informações sobre a religião. Os shows missas e os shows gospel, as transmissões sobre o Papa e sobre festas religiosas são as formas explícitas, mas nem de longe as únicas formas de midiatização do religioso (MOREIRA, 2008, p. 31).

Portanto, na esfera desta discussão, vamos direcionar a atenção à Doutrina Católica, no intuito de compreender que novos sentidos podem resultar da relação mídia, literatura e a religiosidade nestes tempos de midiatização religiosa. Considerando

esse contexto e optando por conhecer a comunicação em cartas, este artigo verifica as reflexões de cunho católico inseridas nos escritos do padre Fábio de Melo e do educador Gabriel Chalita, na obra *Cartas Entre Amigos- sobre medos contemporâneos*, publicada em 2009, em formato de livro.

Foram selecionadas para estudo duas correspondências, sendo elas a 16ª e 17ª cartas do livro, intituladas “Há poema mais bonito que um gesto de amor? Até os iletrados são capazes dessa literatura”, e a segunda “É na simplicidade que nos entregamos e que partimos curiosos para a contemplação. Antes e depois. O céu começa aqui e se plenifica depois. A simplicidade do amor antecipa o que haveremos de viver”. É importante citar que ambas foram postas na íntegra nos anexos deste trabalho. Desse modo, o objetivo do estudo é verificar como essas produções abordam o catolicismo por meio de uma linguagem não doutrinária, assemelhando-se à literatura de autoajuda religiosa, uma vez que os escritos traduzem aconselhamentos espirituais que buscam minimizar os dilemas da sociedade, sugerindo caminhos individuais de evolução que conduzem à superação de conflitos.

Vistas como o meio de comunicação mais antigo do mundo, as cartas foram escolhidas para análise especificamente com a finalidade de compreender os tipos de linguagem adotada e os métodos utilizados para a divulgação do conteúdo religioso, observando ainda os elementos presentes nos escritos que se aproximam do jornalismo literário. Seguindo o raciocínio de Menezes (2005), podemos perceber que as cartas sempre exerceram fascínio e foram utilizadas pelo ser humano com fins de interação e até de propagação de conceitos religiosos: “Desde os tempos remotos se escrevem e enviam cartas oficiais, comerciais ou pessoais. Foi um meio de comunicação extensamente difundido entre os hebreus, outros povos e pelos apóstolos cristãos” (MENEZES, 2005, p.17).

Ainda conforme o autor, algumas evoluções foram acontecendo ao longo dos anos e o serviço da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos foi melhorando a fim de tornar mais rápido o envio das cartas. Fica nítida a importância desse meio na transmissão de mensagens, que durante décadas venceu distâncias e, por não depender de energia, não reforça diferenças socioeconômicas como fazem os dispositivos tecnológicos de comunicação. Durante os últimos anos percebemos que houve um “alargamento do horizonte da literatura brasileira, que levou áreas e gêneros, antes menores, subordinados ou latentes, a emergirem, buscarem e ganharem [...] seu próprio espaço” (COSSON, 2007, p.48). E é justamente nessas fronteiras contaminadas (citadas

e explicadas largamente pelo pesquisador Rildo Cosson), que tentaremos compreender as implicações do nosso objeto de estudo, uma vez que:

Se é verdade que muitos desses novos gêneros e áreas continuaram à margem do cânone literário, também é certo que eles não podem ser ignorados ou tratados como realizações menores ao lado dos gêneros tradicionais da literatura. Dentro ou fora do espectro literário, eles precisavam e precisam ser reconhecidos e lidos por suas especificidades (COSSON, 2007, p.48).

Mesmo que os meios de comunicação continuem evoluindo de forma inimaginável e célere, com o advento de dispositivos móveis digitais e a sua capacidade de enviar arquivos em textos, vídeos, fotos, áudios, escrever e receber cartas do modo tradicional ainda é um método escolhido por muitas pessoas. As correspondências também têm a capacidade de proporcionar encontros, de chegar a quem queremos sem ser invasivos; de cultivar vínculos e inúmeros sentimentos como o amor, amizade, saudade e também a partilha de experiências e conhecimentos.

Tais características mencionadas encontram-se inseridas na obra literário-religiosa que será o foco deste trabalho, cujo instrumento de comunicação é transmitir a mensagem cristã com o fim de difundir o bem. É sobre ela que iremos nos debruçar. Na obra conjunta do padre Fábio de Melo e do educador Gabriel Chalita, que aqui selecionamos para estudo, é possível detectar essa mensagem de “partilha de sentimentos” no estilo literário, segundo ilustra o fragmento abaixo, escrito pelo Padre Fábio:

O tempo e seus intervalos. O medo cabe em todos eles. Quando obedecemos ao vermelho sinal que nos pede parada, imediatamente nos fechamos em nossos carros, crentes de que vidros indefesos nos protegerão do medo que sentimos. O menino e seus malabarismos cheios de erros não nos encantam, ainda que estejam tentando nos fazer sorrir. A roupa de palhaço, a purpurina improvisada, brilho que se mistura ao suor de quem sente a concretude da dureza da vida. Filhos que não sabem por onde andam os seios que os amamentaram. Meninos e meninas. Eles também estão com medo (MELO, 2009, p. 208).

Notamos neste trecho o recurso do jornalismo literário, definido por Pena (2008) que, de acordo com seu conceito uma estrela de sete pontas, consiste num estilo de linguagem que visa ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes

burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. Logo, “no dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (PENA, 2006, p. 6).

Além de Felipe Pena, fundamentamos a análise em Lima (2004), que nos possibilita condições para entendermos os objetivos da literatura como artifício de comunicação. Do ponto de vista metodológico, realizamos uma análise descritiva da obra mencionada, apontando as relações dos textos com o conteúdo religioso, identificando os aspectos que permeiam o jornalismo e a literatura, em que ambos se fundem ganhando um mesmo sentido no que se refere à criatividade, habilidade narrativa dos fatos cotidianos, como é o caso do jornalismo. Portanto, tanto o jornalismo quanto o fazer literário apresentam uma conexão que permite a ambos se complementar e possibilitar novos sentidos em meio à sociedade que os recebe.

Como sugere o título da obra, os autores dialogam e partilham assuntos que lhes chegam ao coração, a fim de dividir com os leitores experiências humanas e religiosas que vivenciaram ao longo de sua trajetória. A obra é dividida em 18 correspondências que intercalam escritos de Chalita para o padre Fábio, e vice-versa. Dentre os temas tratados, encontramos reflexões a respeito do homem contemporâneo e seus medos: da morte, da solidão, do fracasso, da inveja, do envelhecimento, das paixões e da falta de sentido da vida.

Nessa perspectiva, esta pesquisa apresenta uma breve discussão da Doutrina Católica, a fim de compreender os novos sentidos da relação mídia, literatura e a religiosidade. Para, em seguida, expor uma análise das cartas selecionadas a partir da ótica do Jornalismo Literário.

1A IGREJA CATÓLICA E A COMUNICAÇÃO: PRENÚNCIOS DA MUDIATIZAÇÃO RELIGIOSA

A contemporaneidade na qual estamos todos inseridos é fortemente caracterizada por uma cultura onde as múltiplas formas de comunicação fazem parte, indiscutivelmente, da vida das pessoas gerando uma imensa transformação em todos os âmbitos imagináveis. Tais mudanças não ocorreram somente nas esferas sociais, econômicas, intelectuais e políticas. O campo religioso também sofreu consideráveis alterações no processo de globalização que estamos vivenciando já há algum tempo, assim como no modo como se percebe a vida, nesse novo momento em que a sociedade

tenta se adequar aos novos padrões comportamentais, impulsionados pela cultura midiática e seus impactos.

Nas palavras de Moreira (2008), “[...] os processos de globalização trouxeram transformações duradouras para o campo religioso. Essas mudanças deverão afetar as religiões a longo e curto prazo, de forma mais leve ou mais profunda segundo os contextos” (MOREIRA, 2008, p. 28). Esta compreensão enfatiza todo o processo de midiaticização que nos coloca a todos numa nova ambiência como vamos explicar ao longo desta discussão.

Todas as áreas sejam elas entidades públicas ou privadas que possuem qualquer tipo de elo com as pessoas, para serem percebidas, e mais do que isso: alcançadas, dependem da mídia. Considerando que para que qualquer realidade seja vista como verdadeira é necessário que ela seja midiaticizada, já que as novas construções de sentido na sociedade são estabelecidas a partir dessa lógica midiática, que situa o mundo num novo estado de ser, mesmo que um universo, longe da visibilidade da mídia, exista. Gomes (2010) revela bem essa realidade,

Ao entrar no mundo da mídia, as Igrejas não levam em conta que o processo mudou. Os dispositivos tecnológicos são apenas uma mínima parcela, a ponta do *iceberg*, de um novo mundo, configurado pelo processo de midiaticização da sociedade. Estamos vivendo hoje uma mudança epocal, com a criação de um bios midiático que incide profundamente no tecido social. Surge uma nova ecologia comunicacional. É um bios virtual. Entendemos que mais do que uma tecnointeração. Está surgindo um novo modo de ser no mundo, representado pela midiaticização da sociedade (GOMES, 2010, p. 24).

Já Moreira (2008) entende esse fenômeno da seguinte forma:

Essa cultura internacional de consumo atua em interação e em tensão dialética com a cultura local e nacional. Para que isto acontecesse foi decisiva a tremenda expansão da *mídia*, a concentração de empresas e capitais atuantes no campo da indústria cultural em termos mundiais, constituindo o que denominei “sistema midiático – cultural”. As relações atingem, portanto, não somente as relações econômicas, políticas e sociais, mas o próprio âmbito da intimidade, da identidade e da autoimagem das pessoas [...] (MOREIRA, 2008, p. 21).

De acordo com essa linha de raciocínio, constatamos que agora com as atenções voltadas aos meios de comunicação, as Igrejas buscaram favorecer o diálogo entre a fé e a cultura a fim de superar a prática de uma comunicação limitada, ou censurada.

Portanto, partindo desse pressuposto, observamos que o modo como as religiões se relacionavam antes com seus fiéis também mudou. Fez-se necessário compreender os meios e as novas estratégias comunicacionais, não somente como causa de desenvolvimento humano, mas como um novo espaço de evangelização. Portanto, para se falar de religiosidade não é mais essencial atrelar esse discurso aos espaços sagrados.

É tanto que, hoje, para difundir a mensagem cristã por aqueles meios tradicionais usados no passado, bem no início da Igreja - templos, púlpitos ou confessionário - deixou de ser uma estratégia suficiente. O processo de transição no mundo, que leva as sociedades a se utilizar cada vez mais dos canais de comunicação (livros, jornais, revistas, rádio, televisão e internet) foi crucial a Igreja se adaptar ao novo cenário e repensar a sua missão evangelizadora.

A Igreja Católica, incluída nesse fenômeno, aumentou o seu interesse por todo esse contexto midiático comunicacional, sendo a instituição que mais refletiu a esse respeito e teve mais atenção de estudo por parte dos pesquisadores de mídia e religião. Em 1963 foi aprovado pelo concílio Vaticano II o decreto *Inter Mirifica* onde é tratada a comunicação para a Igreja como direito e obrigação. Esse mesmo decreto representa o primeiro documento oficial que traz uma reflexão, tanto para o clero quanto para os leigos em geral, sobre os meios de comunicação social e seus reflexos na coletividade.

Conforme Gomes (2010), “desde a invenção da imprensa, passando pelo cinema, rádio e televisão, [a Igreja Católica] foi a primeira a utilizar os recursos midiáticos no seu trabalho apostólico” (GOMES, 2010, p. 96), com o intuito justamente de aperfeiçoar seu discurso conceitual a respeito da comunicação; e ainda estimular a sua prática, tanto como questionadora do papel social da mesma, quanto como usuária dos meios para a disseminação dos seus princípios e valores.

Em contrapartida, o papa João Paulo II fez uma declaração acerca do assunto e disse que “não é suficiente usá-los [os meios de comunicação] para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pelas modernas comunicações” (JOÃO PAULO II, 1990, p. 37).

Seguindo essa linha de raciocínio, o surgimento das plataformas de comunicação realmente foi importante para que fossem cumpridos os objetivos de integrar, informar, formar e transformar as pessoas, e, no caso das igrejas, evangelizar. A televisão, por exemplo, permitiu a todos, mais especialmente àqueles que não têm condições de participar das missas nas paróquias, acompanharem todas as celebrações eucarísticas de onde estivessem. Ainda que a Igreja seja bastante incisiva quando aconselha aos fiéis

que compareçam às missas, pois, segundo ela, a celebração televisiva não é capaz de substituir o sacramento da Eucaristia.

Outro ponto relevante nesse contexto da propagação de conteúdos religiosos é a produção fonográfica no universo católico. Os artistas, entre eles sacerdotes e cristãos que cantam a fé, passaram a ocupar outros espaços além dos palcos nos shows. Emissoras de rádio e TV começaram a transmitir músicas de louvor que levavam a mensagem do Evangelho, e com a repercussão e visibilidade adquiridos, conseguiram cativar mais seguidores, além de fortalecer o contato com o público católico.

O foco primeiro para o trabalho de disseminação de mensagens cristãs é sempre a relação com as pessoas, como pudemos perceber. É tanto que alguns segmentos da Igreja Católica, mais que outros, se aproveitaram com efetividade deste espaço antropológico interconectado para criar, podemos assim dizer, um canal de interatividade e diálogo com os fiéis, que usaram e usam desses meios para se reanimar na fé. Os segmentos dos quais nos referimos são àqueles vinculados aos grupos da Renovação Carismática que trouxeram uma proposta inovadora no seu jeito de evangelizar: incrementaram danças e cantos, com ritmos diferentes dos tradicionais, como também curas através de orações, além do seu abrangente uso dos meios de comunicação para disseminar os ensinamentos católicos e levar a igreja o mais próximo possível dos seus adeptos.

As Comunidades Shalom e a Canção Nova (que estreou nesse meio com apenas uma emissora de rádio, e atualmente possui uma das maiores estruturas comunicacionais católica do Brasil, contando com diversas rádios, um canal de TV, inúmeros sites na internet, editora de livros e gravadora de discos) são os exemplos mais próximos que podemos citar, mas não os únicos. As dioceses têm estimulado e incentivado as Pastorais da Comunicação a explorarem esse novo ambiente social e sua infinidade de possibilidades. Sempre com o objetivo de atuar em diferentes plataformas se utilizando de todas as ferramentas possíveis para levar a fé às pessoas, resultando numa convergência midiática tratada por diversos autores, num processo que consiste, segundo Henry Jenkins (2008), num “deslocamento de conteúdo midiático específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos midiáticos [...] (JENKINS, 2008, p. 310).

Assim, a disseminação das mensagens espirituais, das orações, dos aconselhamentos e de uma diversidade de temas (que não abordam necessariamente só

religião), vai de jornais impressos a sites na internet, produzidos pelas próprias paróquias, arquidioceses, movimentos e ordens religiosas. Emissoras de rádio e televisão também reforçam o trabalho evangelizador, dando espaço a uma comunicação mais participativa e interativa através das redes sociais e aplicativos de mensagens (Facebook, Twitter, YouTube e WhatsApp), onde milhares de usuários no mundo postam, compartilham, opinam e são parte fundamental nesse processo que está mudando o futuro das religiões. Já os muitos sites existentes são administrados pelas assessorias de comunicação, pastorais, novas comunidades e leigos em geral.

Com relação aos canais de televisão aqui do Brasil, nem todos são abertos. No entanto, além da Canção Nova, existem outros. Alguns deles são: Rede Vida de televisão, TV Século XXI, TV Pato Branco, TV Milícia da Imaculada, TV Nazaré (Belém do Pará), TV Horizonte (MG), TV Aparecida (SP), e a mais recente TV Evangelizar de Curitiba, dirigida pela equipe do padre Reginaldo Manzotti, que faz uso de todas as plataformas, concentrando os principais conteúdos no seu site oficial. Em relação ao caso específico das rádios não pudemos contabilizá-las pela grande quantidade existente por todo país e também porque esse não é nosso propósito neste estudo.

O que podemos observar é que apesar daquelas primeiras resistências e dificuldades de trabalhar com a mídia eletrônica, consideramos que houve uma evolução significativa por parte da Igreja Católica na sua compreensão sobre a comunicação midiática e os avanços que essa relação pode trazer para a denominação. Aliás, esse avanço pôde ser percebido desde o decreto *Inter Mirifica*, já também comentado, onde foi instituído o dia das Comunicações Sociais, momento em que a Igreja deixava de lado a desconfiança com os outros meios, entendendo que tanto a evangelização quanto a mídia podiam seguir os mesmos caminhos, dando espaço a fé e a cultura religiosa.

Discorrendo ainda sobre o tema, o papa Francisco, em sua mensagem publicada no 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2016), que abordou o tema “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”, frisa bem essa discussão antropológica e cultural, quando declara que:

A comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo a sociedade [...] as palavras podem construir pontes entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais, os povos. E isto acontece tanto no ambiente físico como no digital. Assim, palavras e

ações-de ser tais que nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças que mantêm prisioneiros os indivíduos e as nações, expressando-se através de mensagens de ódio. Ao contrário, a palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão e, mesmo quando deve com firmeza condenar o mal, procura não romper jamais o relacionamento e a comunicação (PAPA FRANCISCO, 08/05/2016).

Por isso, é inquestionável a pertinência de se pensar os meios e seus diferentes mecanismos de transmissão de mensagens, na perspectiva de compreender todas as nuances e estratégias pensadas pela Igreja em busca de aperfeiçoar o seu diálogo com a nova cultura midiática, transcendendo os limites tradicionais da evangelização, e se permitindo fazer parte de todos os espaços da mídia, uma vez que tais espaços são elementos importantes quando se trata da construção do significado da fé dos adeptos.

2 ASPECTOS DO JORNALISMO LITERÁRIO NO *CORPUS* ANALISADO

A religião e a fé, sob esse enfoque, constituem temas que podem ser tratados à luz da comunicação e pelos artificios literários. Por isso, os autores Fábio de Melo e Gabriel Chalita se valem dessa estratégia nas cartas publicadas em livro para abordar questões da vida, da amizade e do amor. Para entendermos como os autores se utilizam dos recursos do Jornalismo Literário nas cartas selecionadas, vamos antes compreender quais os aspectos que caracterizam este gênero.

O jornalismo, sobretudo quando nos referimos aos dilemas da sociedade e questões centrais do mundo atual, é bem próximo da literatura. Observamos que a distância entre ambos os campos vem reduzindo nos últimos tempos, no entanto a relação entre os temas continua gerando dúvidas e, até hoje, é motivo de divergências.

É tanto que inúmeras discussões no universo acadêmico buscam compreender essa tão mencionada justaposição entre os gêneros, muito embora não haja limites demarcados entre eles. São dois extremos que se fundem, ora se mesclam, ora se distanciam. Mesmo assim, alguns críticos apontam o Jornalismo como subgênero da Literatura. Alceu Amoroso Lima em seu livro intitulado *Jornalismo como Gênero Literário* (1960) é um dos poucos a classificar o jornalismo como um gênero da literatura enquanto expressão do pensamento, da fala e das significações na escrita. Na sua interpretação o jornalismo é pensado como uma das categorias da literatura, com suas especificidades e regras.

Há outros autores que são relutantes quanto à união ou proximidade das duas modalidades, entendendo que o jornalismo e a literatura não têm ligação. Na perspectiva de Vitor Necchi (2007), por exemplo, o jornalismo se vale da literatura pela necessidade de ser “enaltecido”, já que o conceito literário é uma conjectura da ficção, da fantasia; fatores que prendem a atenção do leitor e aguçam o seu imaginário, contudo são concepções impensáveis e impraticáveis no jornalismo. Para o pesquisador a ideia mais adequada, quando se fala no termo, “é a da adoção de um estilo literário, e não ficcional, na escrita. O ponto de partida sempre é a realidade – ou a noção que se tem de realidade. A ficção pode funcionar como mote da literatura, mas não do jornalismo” (NECCHI, 2007, p.11).

No entanto, a visão de Felipe Pena, no artigo intitulado “O Jornalismo Literário como Gênero e conceito”, considera que não é possível definir o termo como gênero específico. O que seria mais viável é uma aproximação conceitual. Conforme Pena (2006), a correlação entre os dois campos trata-se de um processo de integração.

O autor explica que no seu início era o Jornalismo quem dava notoriedade à Literatura com a popularização dos folhetins e as críticas literárias divulgadas nas respectivas publicações, dos conhecidos periódicos. Mais tarde, no século XIX, era a Literatura quem expandia as noções de Jornalismo, sugerindo novos modos de construir as notícias tanto do ponto de vista estético quanto da produção de conteúdos. Vejamos seguinte observação a esse respeito:

“[...] a influência da literatura na imprensa está mais presente nos chamados primeiro e segundo jornalismo. Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não só comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais. E um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura” (PENA, 2006, p. 5)

Alguns autores definem, ainda, o conceito como *New Journalism*, que começou nas redações americanas na década de 1960 e chegou modernizando os jornais no Brasil com suas técnicas inovadoras e sucintas na maneira de se escrever a notícia. Os escritores passaram a ocupar efetivamente a função do repórter, cujo compromisso era dar clareza, concisão e imparcialidade às informações. Dessa forma, gradativamente, foram sendo substituídas as narrativas consideradas subjetivas dos escritores-jornalistas,

e as notícias factuais cada vez mais ganhavam notoriedade e espaço por abordar a informação com objetividade, simplicidade e adotando uma linguagem mais “direta”.

Apesar das novas técnicas tornarem prática à vida do profissional no momento de construir o texto, muitas críticas foram recebidas por causa dessa estrutura superficial de relatar os fatos do cotidiano. Foi nesse cenário que surgiu a reportagem com a intenção de dar amplitude aos acontecimentos e aumentar o texto que fora reduzido, fato que possibilitou mais tempo de dedicação à produção e a todo o contexto que se estava trabalhando, fator básico e imprescindível às notícias que permaneciam repercutindo nos jornais. Lima (2004) define a reportagem como uma “ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual” (LIMA, 2004, p.24). Tal modalidade ganhou ainda mais destaque e foi expandida para a grande-reportagem, que favoreceu novas possibilidades para que, em seguida, fossem lançadas temáticas em livro.

A grande-reportagem faz parte do já vasto panorama em que se apresenta o jornalismo moderno, diversificando em suas múltiplas faces. O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística (LIMA, 2004, p. 16).

Portanto, a literatura, que antes possuía um espaço privilegiado nos periódicos, passou a ser apenas um complemento literário, que com o passar do tempo outros produtos culturais, como livros e músicas, ocupavam seu espaço com o intuito de atender a lógica de mercado. Há, ainda, os que citam como exemplos as biografias, romances-reportagens e, inclusive, a ficção-jornalística como subgêneros do jornalismo literário. No entanto, é assim que Pena (2006) define o termo: linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, “transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose” (PENA, 2006, p. 21).

O professor Edvaldo Pereira Lima (2013) tem discutido com ênfase essa modalidade jornalística. Ele traz em um dos seus mais recentes artigos, intitulado *Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI*, uma reflexão que aborda exatamente a ideia de se reportar ao real nas abordagens. Trata-se de um conjunto de técnicas que diferenciam sua natureza, em comparação ao modelo

convencional de jornalismo. Os exemplos mais claros são os modos da compreensão da realidade através da observação e participação.

[...] em lugar da leitura efêmera e rápida que faz a imprensa diária, e em lugar da explicação racionalista apressada ou opinativa presente na maior parte da produção jornalística convencional, cabe a essa modalidade afastar-se desse papel importante, mas limitado, indo ao encontro de sua própria missão nobre. Essa consiste em ler o real de maneira ampla, buscando contextos, evitando julgamentos (especialmente os apressados), caminhando para a conquista de discernimento amplo e pela elucidação dos acontecimentos e situações sociais sobre os quais debruça o seu olhar((LIMA, Edvaldo Pereira. **Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI.** 2013. Disponível em: <http://edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/artigos/212-memoria-do-futuro-jornalismo-literario-avancado-no-seculo-xxi> Acesso em: 24/03/2017).

Apesar de o jornalismo literário incorporar o conteúdo informativo, o seu propósito é compreender a sociedade e a sua realidade da maneira mais abrangente possível. Busca-se aprofundar os acontecimentos da vida humana e trabalhar a construção de um texto mais denso, caracterizado por seus recursos narrativos, tais como a construção cena a cena; linguagem rebuscada, rica em metáforas e nas descrições dos personagens, das histórias, dos detalhes; como também a valorização da ampliação e humanização dos relatos, em suas dimensões mais significativas.

Mais um ponto primordial a ser levando em conta é em relação à perenidade da obra. Ou seja, ao publicar um texto raso, que não é capaz de refletir sobre as questões fundamentais da condição humana, ele será facilmente descartado, esquecido. Por outro lado, um livro rico de palavras, bem contextualizado, construído a partir de uma visão holística da realidade, que abarca inúmeros aspectos numa mesma trama de palavras, evidentemente, terá mais valor histórico e social, podendo permanecer no tempo contribuindo com pesquisas e, principalmente, ajudando ao público leitor enxergar a vida de um jeito mais amplo, sensível e profundo.

Sendo assim, a partir da obra conjunta do padre Fábio e de Gabriel Chalita, que em seguida iremos analisar, é possível perceber que a proposta da Igreja Católica é, realmente, apostar nos diversos meios para levar a sua doutrina às pessoas, garantindo, portanto, a sua atuação nas múltiplas modalidades de disseminação da mensagem católica, utilizando-se, inclusive, dos recursos da Literatura, para traduzir valores espirituais que possam minimizar as inquietações e os medos dos leitores, comuns à

modernidade. Essa estratégia, no nosso entender, transcende a tarefa missionária da Igreja ao compartilhar a esperança na humanidade, no futuro, na amizade, na simplicidade e na fé como caminhos para um mundo melhor, para além dos templos e celebrações.

3 MENSAGENS DE ESPERANÇA: CARTAS E LITERATURA RELIGIOSA

O trabalho realizado até este ponto teve a preocupação de apresentar as transformações mais significativas do campo religioso católico que provocaram a evolução e melhoramento do seu diálogo com as mídias, destacando, especialmente, o uso da literatura para evangelizar e despertar a fé nos indivíduos, onde também apontamos, na sessão anterior, aspectos e particularidades do jornalismo literário, para, agora, entendermos como o gênero está presente nas cartas selecionadas para estudo. Tal diálogo será representado mediante a análise das correspondências trocadas pelo líder religioso Fábio de Melo e Gabriel Chalita - educador, filósofo e apresentador do programa *Mundo Melhor*, transmitido pela Rede Vida de televisão. Ambos contam com uma vasta produção na área da literatura, educação e religiosidade, assim como em domínios acadêmicos.

Com sua forte atuação no meio literário, social e espiritual, não só Fábio de Melo, como também Chalita são considerados agentes do campo religioso, cujo compromisso seria atuar para fortalecer a Igreja Católica. Sabemos que o catolicismo necessita não somente manter legítimo o seu domínio sobre os ‘bens de salvação’, como também se difundir socialmente como agente de produção, popularização e administração destes bens por intermédio de um corpo clerical e de indivíduos que realmente incorporem a proposta da religião, cada vez mais preocupados com a missão de instruir e preparar os seus fiéis, ao passo em que a Igreja vai se atualizando/modernizando como também se reinstitucionalizando.

É por isso que a mídia e seus novos mecanismos de disseminação da mensagem religiosa representam a face de um novo momento do catolicismo, sendo a literatura-religiosa um expoente desse processo por trazer escritos de caráter mais reflexivo e amplo, constituído pelo uso da língua portuguesa erudita, que, ao contrário de outras obras de autoajuda-religiosa, trazem mensagens curtas e propostas de oração, como é o caso do livro *Momento de Fé* (2004) de autoria do padre Marcelo Rossi.

Para compreendermos a marcante literariedade presente na obra *Cartas Entre amigos – sobre medos contemporâneos* cabe sublinhar algumas técnicas empregadas

pelos jornalistas literários depois da integração dos dois gêneros: jornalismo e literatura. A narrativa das cartas contém, preponderantemente, as mesmas particularidades que possuem o gênero literário.

Isto é, antes de tudo, o livro, além de trazer contextualmente o tema principal (aspecto indispensável do gênero: aprofundamento nos acontecimentos do cotidiano) – que são as experiências humanas vivenciadas pelos próprios autores, ambos se valem de artifícios advindos da literatura, tais como descrições psicológicas dos personagens, das cenas, como também o uso veemente de técnicas linguísticas, a exemplo de metáforas, eufemismos, analogias, poesias ou referências a canções.

Vale destacar que essas ferramentas são características das narrativas ficcionais, embora os autores tenham aplicado tais recursos na criação de uma nova modalidade de disseminação dos ensinamentos católicos, por meio de uma linguagem não doutrinária, assemelhando-se à literatura de autoajuda religiosa. Podemos verificar essa reflexão a partir da poesia presente nesta carta, em que Fábio de Melo se utiliza ao mesmo tempo da *analogia e da metáfora*, para falar dos valores cristãos, a partir de exemplos concretos e de associações com a vida de Jesus:

Tereza de Calcutá sabia disso. Buscou a natureza dos gestos poéticos e a desdobrou na caridade. Escreveu poemas em pernas doentes, desenhou versos em feridas abertas, em leprosos repugnantes fez literatura gestual. Amou sem medidas, espantou o medo, sorriu ao mundo um sorriso puro, simples, casto, santo. Tereza nos socorreu de muitos medos. Nela nutríamos a esperança de um mundo melhor. Naquela mulher de pequena estatura o mundo se redimiou de muitos de seus pequenos medos. A redenção que o Cristo realizou na história continua acontecendo através de pessoas que o encarnam no tempo. Nisso consiste o seguimento cristão. Tereza foi outro Cristo. Descobriu Nele um elo de continuidade. Atou suas esperanças no calvário de sua dor passada, no sacrifício que a história nos conta, e por meio de sua atuação presente redimiou as dores do calvário de seu tempo. Ela redime porque foi também redimida, Não age no impulso dos seus motivos humanos. Mas atualiza no hoje da vida a graça de Deus recebida. Graça sobre graça! [...] Adélia Prado é socorro constante para os meus medos, assim como Teresa o foi para os medos do mundo. Toda vez que a reconheço confessa, humana, convencida do direito de chorar a menor de todas as mazelas, eu me encorajo para o mesmo. Adélia é religiosa. É texto que eu gostaria de proclamar no altar do meu rito, ao lado dos textos santos que fazem parte da tradição cristã. Ela também tem elo com a graça de Deus. É filha da natureza poética, assumiu na carne o ofício de desvendar as maravilhas da terceira margem, como tão bem sugeriu Guimarães Rosa (MELO, 2009, p. 211).

E é justamente nesse contexto que se insere o teor literário presente no diálogo do Padre Fábio e de Chalita. Percebemos que as técnicas do jornalismo literário aplicadas à literatura-religiosa, por exemplo, vêm mudando também a forma de escrever sobre a religião, repaginando o gênero. Os autores se utilizam destes recursos, já comentados ao longo desta sessão, para abordar temas que vão além do simples fato cotidiano de modo muito mais profundo, onde a poesia, o romance, as crônicas, as canções e inclusive a fé ganham relevância. Em decorrência disso, vamos expor a seguir esses aspectos seguidos dos trechos que os exemplifiquem.

Apoiados nas obras de escritores consagrados como Adélia Prado, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Raquel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade entre outros, como também na sabedoria contida nas Sagradas Escrituras, os autores aproximam a literatura da fé. Com esse artifício constroem um diálogo mais aberto com o leitor, sugerido pelo jornalismo literário, adotando um tom coloquial e não dogmático nos escritos.

Dentre os trechos selecionados para análise, pode-se dizer que a reflexão da obra está centralizada em três eixos: os acontecimentos cotidianos, o tempo e os medos contemporâneos que perseguem a humanidade, uma vez que estas expressões são encontradas constantemente no transcorrer das cartas. Tais características também estão presentes no gênero literário, quando, por exemplo, o narrador emprega aos acontecimentos o realismo, que se baseia em detalhar os relatos dos fatos, para que o leitor sintá-se participante da cena, a qual Lima (2004) denomina de “cena presentificada da ação” (LIMA, 2004, p.158), em que o termo “presentificar” representa a vida em movimento. Podemos observar esses aspectos no fragmento a seguir:

Em pequenos intervalos estão grandes medos. Outro dia encontrei uma senhora na sala de espera do consultório médico. Os olhos revelavam uma apreensão imensa. Ela tinha um resultado de exame nas mãos. Era a confirmação, ou não, do câncer do filho. O intervalo curto da espera era discrepante perto das demoras da alma. O destino do filho estava oculto em expressões que ela desconhecia. O jargão do amor não é o mesmo da medicina. Ela me olhou com calma e me pediu que eu rezasse para que não fosse nada, que tudo não passasse de um engano. Não houve tempo para orações. Ao sair do consultório, ela se limitou a balançar a cabeça em minha direção. As lágrimas eram silenciosas. As mãos trêmulas anunciavam que o duelo com o tempo estava estabelecido. De um lado, ela, a mulher com o filho nos braços. Do outro, ele, o tempo com seus dentes de aço, pronto para devorar a carne, que é morfologia do amor sentido, experimentado (MELO, 2009, p. 209).

As narrativas dos autores manifestam suas vivências sociais. E são dos encontros com anônimos que surgem as histórias mais interessantes contadas nas cartas, pois falam de assuntos comuns, nada de extraordinário, e por isso mesmo passível de veracidade. Escrevem sobre a vida sem disfarces, descrevendo realidades que muitas vezes desconhecemos, ou que não prestamos atenção. Este é outro desafio do jornalismo literário que localizamos nas cartas: enxergar o extraordinário escondido por trás daquilo que parecia apenas banal no cotidiano das pessoas.

Outro ponto também importante é em relação aos definidores primários, aquelas fontes que ocupam algum cargo específico e estão sempre aparecendo na mídia. Muitas vezes transmitem falas superficiais, rasas e repetitivas, que não apresentam nada novo ao texto. Felipe Pena (2006) diz que “é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados.” (PENA, 2006, p.8).

Ao fugir do discurso milagroso, e colocar na pauta de suas falas a condição humana, cheia de fragilidades e contradições, Melo e Chalita conseguem cativar com mais facilidade seguidores/fiéis que os colocam como figuras centrais em seu processo de conversão e fixação da fé. Nesse exemplo, podemos perceber com clareza que sua mensagem não apresenta soluções milagrosas dos problemas, mas busca provocar um novo tipo de entendimento da relação com a vida e com os medos que afligem as pessoas, refletindo um novo modo de fazer religião e evangelizar:

Tomás de Aquino afirmava que um ato só é humano se for livre. Não quero deixar de ser livre, amigo. Não quero deixar que me tranquem em convenções e que exijam de mim o que eu não quero ou não posso dar. Quero ser assim, precário na minha humanidade, mas pleno na crença e que não vim a este mundo por acaso e que não paro por aqui. Pleno na convicção de que são as pontes, não os muros, que nos ajudam a encontrar a beleza na diferença e no amor. Viva a diferença, amigo. É nela que nos encantamos ainda mais com a criatividade do Artista maior. É em sua direção que partimos em busca de significados (CHALITA, 2009, p. 226).

Edvaldo Pereira Lima estabelece três categorias específicas de análise do texto narrativo, observando as particularidades do gênero e seus elementos constitutivos. O autor destaca em uma destas categorias que é importante empregar ao texto “a visão de mundo” de quem o produz, compreendendo-se sob essas ideias tanto o modo peculiar das expressões e linguagem do autor, como a sua maneira de descrever a realidade. Tais características são encontradas na obra em foco, mostrando que tanto Melo, quanto

Chalita prezam por esse contato com os personagens efetivos da narrativa. Lima (2013) aponta que “os textos do Jornalismo Literário carregam, inevitavelmente, o legado múltiplo dos paradigmas formais ou mesmo inconscientes que conformam o modo com que percebem, interagem com, captam e expressam o real.” (LIMA, Edvaldo Pereira. **Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI**. 2013. Disponível em: <http://edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/artigos/212-memoria-do-futuro-jornalismo-literario-avancado-no-seculo-xxi> Acesso em: 24/03/2017). Esta mensagem narrada por Chalita é um exemplo claro dessa circunstância:

Sou apenas um aprendiz da felicidade e, nessa escola, permito-me comungar com a certeza de que a simplicidade será o caminho mais curto para aproximar-me da felicidade Plena, do Amor Total. Deus é a plenitude da simplicidade. Na arrogância dos nossos degraus, construídos com o sacrifício de outros, não conseguimos fazer a experiência. É na simplicidade que nos entregamos e que partimos curiosos para a contemplação. Antes e depois. O céu começa aqui e se plenifica depois. A simplicidade do amor antecipa o que haveremos de viver. E o oposto também. Os sentimentos precários como a mesquinha, a arrogância e o trancafiamento nos impedem de contemplar o Belo que nos aguarda. E nascemos para o altruísmo. Para o Êxodo e o Êxtase (CHALITA, 2009, p. 227).

Além desses aspectos, o diálogo dos escritores apresenta inúmeras características próprias do gênero, encontradas, detalhadamente, no conceito *estrela de sete pontas*, explicado amplamente por Felipe Pena (2006). Identificamos na mensagem abaixo o que ele considera imprescindível na construção do texto literário: exercício da cidadania, item encontrado na quarta ponta da “estrela”: Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir “para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. Não, isso não é um clichê. Chama-se espírito público. E é um artigo em falta no mundo contemporâneo (PENA, 2006, p. 8). No fragmento abaixo notamos essa preocupação social:

Dia desses um enfermeiro relatou-me seus conflitos internos. Disse que atendia diligentemente cada um dos enfermos que ficavam sob seus cuidados e era criticado pelos companheiros por trabalhar e ganhar tão pouco. Pregavam o descuido com o outro sem perceber. E ele sentiu-se insultado por ser cioso do seu ofício. Disse-lhe que o trabalho oferece pelo menos duas recompensas: a financeira e a moral. Trabalhamos porque temos de receber para viver, para construir, para zelar. E trabalhamos porque servimos a uma causa. E que causa!, dizia eu a ele. O enfermeiro acolhe quem está mais vulnerável. Ninguém gosta de ficar doente e como é bom receber o medicamento certo e a

ternura que restabelecem a esperança na humanidade e no amanhã (CHALITA, 2009, p. 223).

Esse trecho da carta chama a atenção do leitor para perceber os fatos corriqueiros do dia a dia com mais sensibilidade e extrair deles, aprendizados. E não só isso, ensina e desperta a prática do altruísmo, onde a percepção e acolhimento a dor do outro são levados em consideração, tal como se espera da prática de caridade católica. Como já dissemos, valorizar a simplicidade das experiências cotidianas é uma das marcas da obra. Reconhecer que o extraordinário e bonito da vida humana está justamente naquilo que passa muitas vezes despercebido aos olhos de muitos. Todo esse conjunto de fatores garante a perenidade da obra no tempo, um fator essencial ao JL.

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação (PENA, 2006, p.9)

Dentro da mesma linha de raciocínio está a questão sociológica tratada por Martins (2000), na qual o encanto pela vida cotidiana tem efeito exatamente no refluxo das esperanças/expectativas da humanidade num mundo diferente onde prevaleçam a justiça, a liberdade e a igualdade. Conforme o autor, a vida humana e cotidiana se tornou um reduto para o desencanto num futuro incerto, de uma história impedida pelo capital e pelo poder. Na sua percepção: “Se a sociologia do século XIX e da primeira metade deste século descobriu o homem como criatura da sociedade, o período recente põe a sociologia ante a crise dessa concepção e crise dessa verdade relativa e transitória” (MARTINS, 2000, p. 56).

Os conteúdos das cartas baseados nessa ideia buscam mostrar a singeleza do cotidiano como reveladora potencialidade da vida. Diante disso, pretendem resgatar em seu diálogo também suas raízes quando comentam sobre os valores que aprendiam em casa, com seus pais e frisam permanentemente o quanto a vida simples do interior é cheia de possibilidades e de sabedoria, realidade que, segundo eles, são caminhos para se ter uma vida mais feliz e mais leve, em meio superficialismo que a sociedade pós-moderna vive. Observemos o sentido religioso e humano do trecho: “Meu pai me ensinou valores intangíveis em sua simplicidade. Minha mãe mostrou-me o tratado do

amor em seu colo meigo. Disse-me com olhos lacrimejantes que a dor maior não é viver” (CHALITA, 2009, p. 224).

Já o padre Fábio (2009) interpreta o conceito a partir da experiência poética, quando externa que só a “poética nos resgata, nos redime, porque nos empresta um olhar diferente sobre o cotidiano que tem a pretensão de nos matar. É por isso que necessitamos tanto resgatar a natureza dos gestos poéticos” (MELO, 2009, p.211).

O livro também traz letras de músicas para potencializar a mensagem cristã. Este trecho encontrado na 16ª carta lembra a composição de Cristovão Bastos e Aldir Blanc em “Resposta ao tempo”, canção da música popular brasileira, que descreve a luta contra o tempo: “Um diálogo de afrontas, mas todo perpassado pela força da riqueza poética. De um lado, o poeta e sua tentativa de vencer seus limites que a cronologia lhe impõe. De outro, o tempo e suas invejas e insultos” (MELO, 2009, p. 212).

[...] *Respondo que ele aprisiona e eu liberto. Que ele adormece as paixões e eu desperto. E o tempo se rói com inveja de mim. Me vigia querendo aprender, como eu morro de amor para tentar reviver!*O último verso está cheio de contradições. Lindas contradições. Morrer para tentar reviver. É o que fez Jesus, e o que aprenderam Tereza e Adélia. A morte diária, cotidiana, que o amor reclama (MELO, 2009, p. 212- grifo do autor).

Nestas mensagens podemos constatar outras peculiaridades do gênero, definidos por Pena (2006), em sua obra *Jornalismo Literário*, a partir do primor na linguagem e na estética, privilegiando a observação sensível dos fatos e o uso de figuras de linguagem. “O texto literário pressupõe um compromisso com a qualidade, já que permite a incorporação de elementos subjetivos e figuras simbólicas, deslocando a linguagem do viés de mero instrumento para o centro das preocupações” (PENA 2006, p. 176). Segue mais um fragmento da carta:

Meu amigo, talvez seja por isso que eu ame tanto a poesia. Ela é um lugar especial onde as verdades humanas se mostram sem máscaras. O medo da dor, da solidão, da morte, da perda, tudo está à mostra nos manuscritos confessos. O poeta e sua revelação. A vida crua, real, ainda que em palavras. O poeta e sua transfiguração. Nele e a partir dele a humanidade alcança a hermenêutica, como se o fogo da verdade fosse novamente retirado do Olimpo e entregue aos homens. A poesia ameniza o peso dos medos, porque o amor resolveu fazer sua casa em terrenos da linguagem poética. Há poema mais bonito que um gesto de

amor? Até os iletrados são capazes dessa literatura (MELO, 2009, p.210).

Esta outra mensagem ajuda a esclarecer o que Lima (2013) categoriza no caráter autoral do Jornalismo Literário Avançado de “visão de mundo”, quando o escritor/jornalista se utiliza dos mecanismos postos no gênero para construir seu texto com estilo próprio e voz autoral, obedecendo a individualidade estilística e a personalidade narrativa de quem produz o texto, entendendo-se sob essas expressões tanto o modo peculiar de linguagem textual do autor quanto a totalidade da sua maneira de reportar o real, incluindo-se seu modo de interação com os personagens efetivos da narrativa (LIMA, 2013). Eis o trecho, que se refere, sobretudo, ao acolhimento da Igreja nos tempos difíceis do cotidiano social, marcado pelo individualismo:

Acredito, padre, em uma Igreja que acolhe, que abraça, que ama. Nada de cismas. Deixemos isso para o passado. Nada de inquisição. Já superamos esse período. Talvez por isso João Paulo II tenha falado tanto sobre o amor. O amor que nos faz enfrentar o nazismo e o comunismo com suas mortandades. Da Polônia para o mundo. De ingênuo, como diziam seus críticos, se fez pregador do amor, visitante incansável dos recantos admiráveis do mundo em que vivemos. O amor que inspirou Bento XVI em sua primeira encíclica que anunciou a seguinte, a esperança. O amor que o fez sofrer diante de campos de concentração, desculpando-se pela omissão e que o faz sorrir diante dos jovens que se multiplicam em suas pregações, prenunciando um novo tempo (CHALITA, 2009, p. 228).

Apesar de não fazer parte do gênero de autoajuda, podemos dizer que a obra *Cartas Entre Amigos* oferece inúmeras possibilidades ao leitor para saber lidar com os conflitos e medos contemporâneos. É possível identificar nos seus discursos o resgate que a linguagem simbólica da religião pode realizar na vida humana, principalmente no momento em que o caos insiste em permanecer. Tal simbologia religiosa é sutil nesses escritos, mas não deixa de apresentar alternativas de fé aos medos do nosso tempo. É por isso que as pessoas buscam essas leituras para encontrar as esperanças perdidas, através de palavras positivas, benditas e de versos redentores que restituem a fé no sagrado e na divindade.

Portanto, assim como a literatura de autoajuda remete ao leitor à ideia de alento, de solução, que ajuda a suportar os desafios com mais coragem, esperança e discernimento, as cartas estudadas aqui também apresentam essa mesma perspectiva, de modo que os fiéis católicos tendem a “comprar” essa ideia ao aderirem as suas propostas, refletindo sobre os ensinamentos. Não estamos nos referindo ao consumo de

bens concretos, vale salientar. Porém se trata de uma nova tendência de vida mais reconfortante, com fundamentos que orientam e dão rumo à vida dos fiéis, os auxiliando a se situarem no mundo.

É possível perceber que a distinção desta literatura religiosa em comparação à predileção por livros de autoajuda está, indiscutivelmente, no fato que tais discursos, embora ligados à matriz católica, não estão ligados às respostas milagrosas e prontas. Ou seja, os autores não atrelam os caminhos sugeridos a fórmulas padronizadas; sugerem a participação de cada um na responsabilidade por seus atos. No entanto, abordam a vida em sua forma mais humana, crua, sem fantasias e sem máscaras, apontando a vivência da simplicidade cotidiana como maneira de viver a vida com mais leveza, além de provocar a reflexão dos leitores para uma fé raciocinada, revelando uma nova perspectiva no catolicismo de como ser um “verdadeiro cristão”.

Em vista disso, constata-se que a religião católica tem vivenciado ao longo dos últimos anos inúmeras mudanças, passando pela disseminação de sua doutrina através de uma nova modalidade, esta sendo a literatura-religiosa; do investimento nas diversas mídias, como também de uma contínua competição simbólica interna e externa. Logo, todo conteúdo literário impresso nas mensagens da obra *Cartas Entre Amigos* configura um novo cenário que pode influenciar vários segmentos na Igreja Católica para diálogos humanos inspirados não apenas nas escrituras sagradas, mas nos fatos da vida social com todas as dificuldades que esses apresentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como meta contribuir com o pensamento acadêmico a respeito das técnicas do *Jornalismo Literário* impressas na mensagem católica e, além disso, trazer uma observação acerca da midiaticização religiosa como campo de relevância nos estudos e reflexões sobre os paradigmas religiosos da sociedade contemporânea.

A partir do conceito de líquido, lembramos das palavras de Bauman (2007), que observam os dias atuais, sugerindo que boa parte das neuroses presentes na contemporaneidade surge exatamente da fragilidade dos laços humanos, da falta de humanidade dos novos tempos. Perante essa fluidez que perpassa toda a sociedade, as instituições se mobilizam a repensar seus conceitos, sobretudo, as religiosas. A leitura das cartas mostrou que a vertente católica, a partir do uso dos recursos literários, pode transmitir a sua doutrina em outros formatos de evangelização, investindo na formação

dos indivíduos para além das leituras convencionais do Evangelho. Nesse sentido, a literatura religiosa proposta por Fábio de Melo e Gabriel Chalita demonstra uma aproximação com os dilemas sociais para propor uma nova forma de exercitar a fé nos preceitos católicos.

Estudar o catolicismo por esse viés possibilitou maior percepção das necessidades apresentadas pela contemporaneidade num momento de imensa competitividade, individualização, medos e inseguranças que dominam os indivíduos, mais carentes de espiritualização para dar conta dos desafios sociais. Notamos que em todos os trechos selecionados das cartas são utilizadas técnicas literárias que visam difundir a mensagem religiosa de forma ampla, agregando contextos e convergências com outras áreas do saber a partir dos personagens mencionados. A propósito, vale esclarecer que nessa modalidade narrativa específica - de não ficção-diferentemente do jornalismo convencional, não há fontes, e sim personagens. As pessoas são personagens da vida real, cujas histórias são contadas com o recurso de figuras de linguagens e textos literários.

Além disso, o estilo jornalístico também pode ser notado na obra em questão para construir um novo discurso sobre a religiosidade. Assim, o que vem mudando, primordialmente, nesse cenário de midiatização religiosa é a estrutura textual e a estética das obras, como aponta claramente o livro estudado: *Cartas Entre Amigos*. No entanto, sua natureza baseia-se em empregar a realidade às questões que contextualizem e dignifiquem a qualidade do texto como conteúdos amplos e profundos; além da utilização de figuras de linguagens, descrição detalhada, construção cena a cena, diálogos e outros mecanismos citados por Felipe Pena (2006) ao longo desta discussão. Essas aproximações e distanciamentos acontecem, especialmente, em virtude de que ambos os campos (literário e religioso) recorrem à escrita como ponto de partida e de chegada para intercâmbios com as pessoas.

Nesse sentido, a escrita textual religiosa permite, no Jornalismo Literário, que as palavras seduzam, toquem no mais profundo recôndito da alma, de forma que as tornem atraentes e agradáveis aos olhos dos fiéis leitores esem nome da identificação com o que está sendo dito na obra. O uso desta linguagem menos “doutrinária” talvez seja justamente uma nova estratégia para arregimentar outros públicos, além do católico, que poderão se aproximar da escrita de cunho religioso sem necessariamente uma adesão à doutrina dos autores.

Vale salientar que, nessa obra, as técnicas do jornalismo aplicadas à literatura religiosa conseguiram modificar o jeito de se narrar vidas e histórias, ressignificando, portanto, o gênero. Um exemplo claro disso é que, no Brasil, não somente profissionais do jornalismo, mas de outras áreas (sacerdotes, filósofos, sociólogos, romancistas...) estão aptos a escrever sobre temas contemporâneos a partir do uso dos recursos e metodologias do jornalismo literário, tanto quanto um profissional com formação jornalística. Grande parte das autorias logrou atingir o *ranking* das obras mais vendidas na modalidade literatura religiosa. Padre Fábio de Melo, por exemplo, autor de treze obras literárias, tem 3 milhões e meio de livros vendidos, até mesmo no exterior.

Isto porque tais propostas presentes nestas obras foram capazes de produzir uma nova maneira de retratar a vida e a fé, fatores que deram outra fluidez e interpretação ao texto, distanciando-se dos moldes de autoajuda, que muitas vezes, propõem soluções “mágicas” aos conflitos da humanidade. Além disso, os escritores do campo religioso, como é o caso do padre Fábio, que aderiram ao Jornalismo Literário, pôde construir narrativas que ultrapassam a técnica do *lead*, ampliando os horizontes dos temas tratados produzindo um trabalho esteticamente agradável, de fácil leitura e de visível abrangência histórica. Nessa perspectiva, o enfoque religioso torna-se atemporal.

Sendo assim, a obra *Cartas entre Amigos* trata não somente do catolicismo, mas o seu conteúdo contribui para a disseminação do jornalismo literário com viés religioso. Além disso, preconiza a importância do jornalismo literário presente na literatura religiosa para captar atuais e futuros leitores. Por fim, a literatura nos apresenta histórias que nos possibilitam também a experimentar o mundo de um jeito mais sensível e profundo quando abordamos questões cotidianas e pertinentes à vida. Tais escritos oferecem recursos para suportá-la, entendê-la, extraíndo dela algum sentido e momentos de reflexão que ampliam, sobremaneira, a nossa visão de mundo. São estas inquietações que aguçam nossa sensibilidade e nos fazem pensar sobre quem somos e qual é o “nosso lugar” no mundo, sejamos católicos ou não, rumo à uma sociedade mais crítica e evoluída. Nessa perspectiva, os escritos traduzem aconselhamentos espirituais que buscam minimizar os dilemas da sociedade, sugerindo caminhos individuais de evolução que conduzem à superação dos desafios.

PRIESTFÁBIO DE MELO AND GABRIEL CHALITA: DIALOGUES OF
LITERATURE AND FAITH

ABSTRACT: This paper analyzes the writings of Father Fabio de Melo and educator Gabriel Chalita in *Letters Between Friends - on contemporary fears*, published in 2009, which brings together his human experiences through the belief in the sacred, transmitting messages that characterize the Catholic Doctrine. It focuses the process of mediatization in order to understand the communication strategies of dissemination of religious discourses through literary mechanisms. To do so, it interprets two correspondences that exemplify the interface between journalism, literature and religiosity, adopting as theoretical foundation the studies of Gomes (2010), Moreira (2008), Pena (2006), Lima (2004) and others.

Keywords: Catholicism; Father Fábio de Melo; Gabriel Chalita; Religious Mediation; Literature.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOÃO PAULO II. **A comunicação nos passos de João Paulo II**. São Paulo: Paulinas, 2012.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: 3ª Ed. Manoele, 2004.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

MELO, Fábio de; CHALITA, Gabriel. **Cartas entre amigos – sobre medos contemporâneos**. São Paulo: Ediouro, 2009.

MENEZES, Overlac. **Cartas, simples mensagem, documento, ou gênero literário?** São Paulo: Marco Zero, 2005.

MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (org.). **O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Paulinas, 2008. (coleção estudos da religião)

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Inter Mirifica**, Vaticano, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html Acesso em: 19/03/2017

LIMA, Edvaldo Pereira. **Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI**. 2013. Disponível em: <http://edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/artigos/212-memoria-do-futuro-jornalismo-literario-avancado-no-seculo-xxi> Acesso em: 24/03/2017

_____ <http://www.fabiodemelo.com.br/> Acesso: 08/04/2017

NECCHI, Vitor. **A (im) pertinência da denominação “jornalismo literário”**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf> Acesso em: 24/03/2017

PAPA FRANCISCO. **Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo**, Vaticano, 2016. Disponível em:

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html Acesso em: 19/03/2017

PENA, Felipe. **O Jornalismo Literário como Gênero e Conceito**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf> Acesso em 24/03/2017

ROSSI, Padre Marcelo. **Momento de fé**. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/momento-de-fe-as-melhores-historias-padre-marcelo-rossi.html> Acesso em: 08/04/2017

MEU QUERIDO GABRIEL

Adentrei meu templo. Suas palavras me conduziram. À medida que elas atingiam minha compreensão, meus pés reconheciam um território novo, delicado, à espera de conquista. Eu, em busca de mim mesmo, como queria Sócrates. Eu, sendo o que sou, mas diante da possibilidade de tornar-me outro, assumir-me com mais plenitude. Eu, ser em estado de vir a ser, como tão bem intuía a metafísica aristotélica. Eu, potência de um lugar que ainda não me tornei porque ainda não ousei ir buscar.

Nélida tem razão. A excelência humana só pode ser alcançada através da reflexão. O pensamento é o instrumento condutor da mudança. Por meio dele podemos experimentar seu poder de nos retalhar a alma, investigá-la em seus contornos, disfarces e verdades. O pensamento e a reflexão são os grandes responsáveis pelas superações que protagonizamos.

No ofício de descrever os sentimentos do mundo, Nélida precisou receber retoques, processo natural de quem se deixa levar sem medo nos braços do grande e determinante pedagogo: o tempo. Ele e seu jeito tão próprio de ser e agir, e nós, com nossas atribuições tão específicas. Ele e sua sina de não permanecer, porque só conhece o destino de seguir. Nós e nosso desejo de fixar raízes, de prolongar o gozo do abrigo, da predileção, dos vínculos, porque sofremos de uma indigência original que nos foi legada.

Meu querido amigo, o tempo é o invólucro da existência. Tudo o que fazemos e sentimos por ele é perpassado. Grandes medos nascem dessa condição. É natural que seja assim. Afinal, ele não sabe parar, não sabe retroceder. Lidamos com esse limite, e isso nos assusta, nos amedronta. O amor que sinto e alimento está nas mãos do tempo. A criatura amada anda nos trilhos assustadores por onde deslizam seus vagões pesados.

A mãe acompanha feliz os primeiros passos do filho, mas sabe que essa autonomia será também causa de preocupação. A crian-

ça presa aos braços ameniza o medo da perda, mas o movimento do tempo, expressão concreta em ossos que se desenvolvem, corpo que vai ganhando volume e destreza, é imperativo que ordena um novo jeito de cuidar. O tempo se mostra com seu poder de adoção, e a mãe, sem ter como negar, entrega-lhe nos braços o filho que até então pensava poder proteger por todo o sempre.

4 O tempo e seus intervalos. O medo cabe em todos eles. Quando obedecemos ao vermelho do sinal que nos pede parada, imediatamente nos fechamos em nossos carros, cientes de que vidros indefesos nos protegerão do medo que sentimos. O menino e seus malabarismos tão cheios de erros não nos encantam, ainda que estejam tentando nos fazer sorrir. A roupa de palhaço, a purpurina improvisada, brilho que se mistura ao suor de quem sente a concretude da dureza da vida. Filhos que não sabem por onde andam os seios que os amamentaram. Meninos e meninas. Eles também estão com medo. Temem que nós não os reconheçamos como artistas que merecem aplauso, moeda de pequeno valor, que condensa a metáfora de um reconhecimento temporário, valor que não compra a felicidade esperada, a vitória que nunca chegará. (Rosa P.) 1.30.02.1970

2 Em pequenos intervalos estão grandes medos. Outro dia encontrei uma senhora na sala de espera de um consultório médico. Os olhos revelavam uma apreensão imensa. Ela tinha um resultado de exame nas mãos. Era a confirmação, ou não, do câncer do filho. O intervalo curto da espera era discrepante perto das demoras da alma. O destino do filho estava oculto em expressões que ela desconhecia. O jargão do amor não é o mesmo da medicina. Ela me olhou com calma e pediu que eu rezasse para que não fosse nada, que tudo não passasse de um engano. Não houve tempo para orações. Ao sair do consultório, ela se limitou a balançar a cabeça em minha direção. As lágrimas eram silenciosas. As mãos trêmulas anunciavam que o duelo com o tempo estava estabelecido. De um lado, ela, a mulher

com o filho nos braços. Do outro, ele, o tempo com seus dentes de aço, pronto para devorar a carne, que é morfologia do amor sentido, experimentado. A mulher corria na direção de seu carro. O exame nas mãos era uma sentença de morte que ela teria de comunicar ao seu menino. Tinha em suas mãos um curto intervalo de tempo. O tempo de chegar em casa e anunciar que o inesperado destino de morrer antes da hora se cumpriria. Meu amigo, morte não combina com juventude, corpo cheio de viço, destreza de andar longas distâncias. Aquela mulher sabia de tudo isso. A contradição estava embrulhada naquele pequeno envelope de papel timbrado. O pequeno pedaço de papel era a casa de uma verdade não desejada, e só aquela mulher transitava pelos cômodos tão cheios de susto e escuridão.

O pequeno intervalo haveria de ter um fim. A palavra seria pronunciada. Teria de olhar nos olhos de seu menino e em intervalos de outros novos tempos decorar-lhe as feições, movida pelo desejo simples de nunca mais esquecê-lo. O tempo e seu poder de determinar partidas e chegadas, assim como o inverno se oculta em lugar que desconhecemos para que reine soberana a estação das flores.

Ao entrar no consultório, notei que o médico também sofria seu intervalo de medo. Ele estava desconcertado. Eu o olhei sem medo de que percebesse também meu desconcerto. Ele se encorajou para me contar que não tinha sido fácil dar aquela notícia. Fiquei pensando no intervalo de seu medo. Abrir o envelope e identificar que a ampulheta já estava virada. Saber só, mover-se em solidão no conhecimento não dividido, aptidão médica de saber identificar as consequências dolorosas que estão escondidas em termos técnicos.

O médico e seus medos contidos. Esbarrar na morte, na esperança da vida, nos recursos existentes ou no fim já anunciado. Sentir na solidão do peito a palavra que não está pronta, mas que precisa ser dita. Olhar nos olhos da mulher tão cheia de ansiedades e ter de dizer que seu filho morrerá em breve. Que não há nenhum endereço a ser buscado, porque o tempo já não permite mais ter esperanças.

Dizer o quê, meu querido amigo? O que fazer nessa hora? Que palavra buscar, senão o abraço solidário, o choro que nos congrega e nos coloca no prumo do mesmo medo?

Tenho medo de ser hipócrita. Tenho medo de simular uma coragem que não possuo, uma resposta à qual não dê crédito. Medo da palavra que finge caridade, que simula acolhimento, quando na verdade o que existe é total e vergonhosa indiferença. Tenho medo de fingir uma fé que não professo. Realizar um rito que não me envolve, que não me devolve, que não me transforma e que por isso não me oferece aos outros.

Meu amigo, talvez seja por isso que eu ame tanto a poesia. Ela é um lugar especial onde as verdades humanas se mostram sem máscaras. O medo da dor, da solidão, da morte, da perda, tudo está tão à mostra nos manuscritos confessos. O poeta e sua revelação. A vida crua, real, ainda que em palavras. O poeta e sua transfiguração. Nele e a partir dele a humanidade alcança a hermenêutica, como se o fogo da verdade fosse novamente retirado do Olimpo e entregue aos homens. A poesia ameniza o peso dos medos, porque o amor resolveu fazer sua casa nos terrenos da linguagem poética. Há poema mais bonito que um gesto de amor? Até os iletrados são capazes dessa literatura.

Meu caro amigo, recordo-me de já ter abordado essa questão em nossas cartas. O amor é o recurso que pode nos libertar dos medos. Saber-se amado é como ser recolhido em um poema. A palavra que ganha a confiança do poeta por ele se sente amada. Ela foi escolhida entre tantas. Tornou-se sagrada, porque foi retirada do lado de fora. Era profana, estava fora do templo da poesia, mas o poeta a elegeu. Com ela adentrou o templo santo de sua escrita.

Teresa de Calcutá sabia disso. Buscou a natureza dos gestos poéticos e a desdobrou na caridade. Escreveu poemas em pernas doentes, desenhou versos em feridas abertas, e em leprosos repugnantes fez literatura gestual. Amou sem medidas, espantou o

medo, sorriu ao mundo um sorriso puro, simples, casto, santo. Teresa nos socorreu de muitos medos. Nela nutríamos a esperança de um mundo melhor. Naquela mulher de pequena estatura o mundo se redimiou de muitos de seus pequenos medos. Acho interessante isso, meu caro Gabriel. A redenção que o Cristo realizou na história continua acontecendo através de pessoas que o encarnam no tempo. Nisso consiste o seguimento cristão. Teresa foi outro Cristo. Descobriu Nele um elo de continuidade. Atou suas esperanças no calvário de sua dor passada, no sacrifício que a história nos conta, e por meio de sua atuação presente redimiou as dores dos calvários de seu tempo. Ela redime porque foi também redimida. Não age no impulso de seus motivos humanos, mas atualiza no hoje da vida a graça de Deus recebida. Graça sobre graça! 4

A boa poesia segue no mesmo caminho, vive da mesma mística. Adélia Prado é socorro constante para os meus medos, assim como Teresa o foi para os medos do mundo. Toda vez que a reconheço confessa, humana, convencida do direito de chorar a menor de todas as mazelas, eu me encorajo para o mesmo. Adélia é religiosa. É texto que eu gostaria de proclamar no altar do meu rito, ao lado dos textos santos que fazem parte da tradição cristã. Ela também tem elo com a graça de Deus. É filha da natureza poética, assumiu na carne o ofício de desvendar as maravilhas da terceira margem, como tão bem sugeriu Guimarães Rosa. 5

Gabriel, a experiência poética é naturalmente religiosa. Ela desafia a cronologia. É o momento humano em que verdadeiramente esquecemos o tempo que nos envelhece e os intervalos que nos amedrontam. A poética nos resgata, nos redime, porque nos empresta um olhar diferente sobre o cotidiano que tem a pretensão de nos matar. É por isso que necessitamos tanto resgatar a natureza dos gestos poéticos. A vida só é suportável quando depositamos nossos pés sobre a seda suave de proteção que a poesia nos oferece.

O embate contra o tempo nos desgasta, e a melhor forma de vencê-lo é esquecendo-o. Como? Também quero aprender. Ensaio

alguns movimentos de aprendizado. Aprendo na prática, no momento em que rezo o canto que está afetado pela sensibilidade do poeta. Aprendo no momento em que olho para a história de Teresa e nela descubro motivos de felicidade que não cabem no relógio que levo em meu pulso. Aprendo no momento em que sofro o impacto de um texto que não me deixa perceber a realeza do tempo. Aprendo no concerto a que assisto, na voz que não me permite olhar para o relógio, na harmonia que me faz superar a prevalência das desarmonias do mundo.

Aprendo toda vez que escuto a preciosa composição de Cristóvão Bastos e Aldir Blanc, "Resposta ao tempo", a canção que considero a mais bela de todas as canções de nossa riquíssima música popular brasileira. O poeta descreveu de maneira muito interessante a luta contra o tempo. Um diálogo de afrontas, mas todo perpassado pela força da riqueza poética. De um lado, o poeta e sua tentativa de vencer seus limites que a cronologia lhe impõe. De outro, o tempo e suas invejas e insultos.

Respondo que ele aprisiona e eu liberto. Que ele adormece as paixões e eu desperto. E o tempo se rói com inveja de mim. Me vigia querendo aprender, como eu morro de amor pra tentar reviver!

O último verso está cheio de contradições. Lindas contradições. Morrer pra tentar reviver. É o que fez Jesus, e o que aprenderam Teresa e Adélia. A morte diária, cotidiana, que o amor reclama. A morte que há na doação e que tem a vida em seu avesso. O tempo burlado, enganado, esquecido, neutralizado em seu poder de nos colocar tantos limites. O *khronos*, tempo que passa, transformado em *kairós*, tempo que permanece. A lição difícil que a mulher precisa aprender para que o filho não morra antes da hora. Para que o envelope e seu trágico diagnóstico não a impeçam de viver intensamente o tempo que lhe resta.

Certa vez encontrei uma moça deprimida com o câncer do pai. Ela me contou que o diagnóstico recebido lhe dava apenas três meses de vida. Já haviam se passado dois meses, em que ela viveu trancada em seu quarto, mergulhada em uma tristeza sem fim. Eu a questioneei: "Você tem três meses ao lado de seu pai e escolheu passá-los trancada em seu quarto? Não seria melhor você entregar a seu pai sua melhor parte nesse tempo que lhe resta? Quantas pessoas não têm essa oportunidade! Perdem as pessoas que amam sem mesmo terem tido a chance de uma última palavra...".

Ela me olhou assustada, como se tivesse acordado para uma nova forma de enxergar o mês que lhe restava. Eu lhe pedi que mudasse a frase. Em vez de dizer: "Só tenho um mês ao lado de meu pai", ela diria: "Ainda tenho um mês para amar e ser uma boa filha!". Ela aceitou o desafio. Encarou o tempo que lhe restava como *kairós* e assim minimizou o peso do *khronos*. Aqueles últimos dias foram dedicados aos gestos poéticos. O cuidado, o amor, o carinho fizeram com que as metástases não ultrapassassem os limites da carne. Elas deixaram de atingir a alma.

Gabriel, muitos medos nascem desses intervalos curtos que nos restam. O fechamento no quarto foi uma resposta ao medo. Ela não queria assumir a realidade. Queria fechar-se em seu mundo. Queria negar a partida anunciada. Mas aquele gesto reafirmava ainda mais o poder opressor do tempo. Não sabemos quanto tempo ainda nos resta...

Essa incerteza não pode ser motivo de medo, mas nos sugerir um novo posicionamento. Olho para minha mãe e concluo quanto eu a amo. Não sei quanto tempo ainda poderei tê-la sob o alcance dos olhos. Isso não me desespera, mas me coloca em estado de alerta. Não posso deixar o amor para quando amanhecer o dia. Não sei se ainda me restará outra manhã, outra oportunidade para amar. Por isso, amo no tempo que tenho.

Amar é o mesmo que exercitar-nos na simplicidade. O amor não complica, porque seu único desejo é resolver. Ele nos conduz ao contexto de um querer simples, despretensioso, porque não sabe outra coisa senão nos ajudar a enxergar o único necessário.

O caminho dessa simplicidade não é fácil. Requer lutas, requer combates. Gabriel García Márquez demonstrou isso ao dizer:

Tivera que promover 32 guerras, e tivera que violar todos os seus pactos com a morte, e fuçar como um porco na estrumeira da glória, para descobrir, com quase quarenta anos de atraso, os privilégios da simplicidade.

A frase se refere ao célebre personagem Aureliano Buendia, do seu romance *Cem anos de solidão*. Aureliano amargurou uma solidão terrível ao longo da vida. O contexto da obra é a solidão partilhada. Sina que a família carregava sobre os ombros.

Meu querido amigo, há uma questão interessante nessa obra de García Márquez. Os nomes se repetem ao longo da história da família. A continuidade da solidão e da prevalência da poeira do tempo. Uma espécie de maldição que não pode ser quebrada. Sugestivo, não é mesmo? Parece ser a leitura de nosso tempo, quando percebemos que herdamos e legamos a solidão. Com ela vem o medo. Do tempo, de seus pequenos intervalos e das ausências que não podemos preencher em nós mesmos.

O que nos resta? A natureza dos gestos poéticos. Revestir a vida de ternura e encanto. Quem sabe assim a gente possa reestabelecer uma nova ordem, um novo tempo. Macondo é o lugarejo onde os "cem anos de solidão" são contados. Macondo parece sugerir um lugar que ainda não existe, mas que pode ser construído, assim como o ser que somos em potencial pode ser transformado em ato.

Queiramos Macondo, assim como Manuel Bandeira quis Passárgada. Queiramos a construção de um lugar que não é mate-

rial, mas que tenha o poder de gerar uma nova postura humana, que nos congregue, que nos fortaleça para a aventura do autoconhecimento. Queiramos a poesia, o templo da reflexão, o uso da razão, o socorro do bom senso. Só a reflexão nos devolve o poder de retroceder no tempo. Só ela nos faz lançar luzes sobre o vivido. Só ela nos faz chegar ao aprendizado que nos qualifica como pessoas.

Gabriel, continuamos unidos. Nos sonhos e nas realizações. Continuamos empenhados nas construções que são feitas de tijolos, mas também nas que são feitas de palavras. O importante é ser um pouco de Adélia, um pouco de Teresa. Ofícios que nascem de uma mesma fonte, mas que são exercidos em lugares diferentes. A mesma causa trabalhada a quatro mãos.

Meu amigo, quando o cansaço da vida nos abater, quando o peso do tempo insistir em nos retirar as forças, da reflexão ou da ação, sugiro que você se recorde da definição bonita que o poeta encontrou para dar ao tempo, na conclusão final da música que mencionei.

*No fundo é uma eterna criança que não soube amadurecer.
Eu posso e ele não vai poder me esquecer!*

Sigamos. Esquecendo e recordando.

Vencendo no que podemos. Perdendo do jeito certo!

Sempre.

Com minha bênção,

Pe. Fábio

querido padre Fábio

É este tempo beneplácito e impiedoso que nos atormenta. O tempo da espera, ansioso e cruel. A espera pelo navio que naufragou. A espera pelo avião que caiu. A espera pela semente que não germinou. A espera pelo futuro que traiu.

Amigo querido, você fala poeticamente do tempo e eu falo de sua espera docemente transformada em esperança.

Os parentes estavam no porto esperando o navio. Na confusão das conversas, pausas para sorrisos despreocupados. Uma ou outra novidade. Um ou outro reparo, em vida alheia. Fatos corriqueiros. Mulheres cuidadosamente arrumadas, outras despreocupadas com o vento bagunceiro. Homens em círculos, contando amenidades ou vantagens. E o tempo passando. E o sol queimando esperanças com a demora assustadora. O tempo da pausa transforma as expressões. A ausência de notícias antecipa a notícia não querida. Ninguém quer o naufrágio. Nem do navio nem dos enlaces de amor e amizade que se vão, junto com ele, para o fundo inacessível do mar. O tempo na chegada não conseguiu traduzir o tempo na partida ou na jornada. A tempestade escondida das partes não poupou o meio da viagem. Ninguém poderia prever a revolta nem a angústia por não poder chegar e encontrar quem tinha esperanças.

Filhos sem pais, mulheres sem maridos, mães sem filhos, amigos perplexos. A embarcação não resistiu ao vento revolto que partiu a rigidez do casco e despiu as capas de proteção. Na hora da partida, amigo, não há como ir de mãos dadas, mesmo que outras mãos partam junto.

O adeus é solitário. A morte nos convida a ir sozinhos. Um convite que não aceita recusas. E vamos do jeito que viemos. Sem ouro algum. Sem título de nobreza. Sem adornos. Sem garantias. Chegamos e partimos sem nada nem ninguém. Nascermos para a novidade e morremos para a novidade. O mundo nos

recebe e de nós se despede. O choro da chegada é menos prolongado que o choro da partida. Choramos de susto diante do mundo quando nos cortam o cordão umbilical. Choramos para atestar que estamos vivos enquanto outros sorriem ou até choram, mas pela emoção da nossa chegada. Quando partimos, choram eles. Não sei quantos. Mas alguns choram. Será que assistimos à cena? Será que vemos os que ficaram no momento da partida? Ou apenas algum tempo depois? Há tempo na eternidade?

Padre, a esperança é o sentimento que embala o brinquedo das nossas emoções. É a criança que abre a janela aguardando o calor para entrar no mar. Afinal, é feriado; é dia de festa e as nuvens terão de compreender que o sol foi convidado. A esperança é menina e senhora. Menina porque ingênua. Acredita no que não se deve acreditar e às vezes acerta. É menina porque, sem vícios, não faz acordo com o pessimismo, não recorda o que quebrou. Apenas aguarda o que há por vir. É senhora porque reinventa, mesmo depois de estilhaços dolorosos que cortaram em algum tempo o tempo do sorriso. É senhora porque sabe que a beleza da vida se compreende quando os pés sangram e os olhos iluminam porque enxergam para além da dor.

A dor, amigo, a dor doída de um filho que se foi ou de um filho que irá mais cedo, partida anunciada em um exame estranho contendo coisas que não são bem-vindas, como você disse. A esperança vai e vem. Vai quando o exame é aberto e a notícia retira o brilho do futuro. E as lágrimas descem silenciosas e o luto reveste sem piedade a vida pacata. O que deverá ser feito? Outro exame? Outro médico? A notícia imediata ou ensaiada, pausada? Certo amigo preferiu que o filho, somente depois da formatura em direito, soubesse o resultado da enfermidade sem cura. Permitiu que ele sorrisse a certeza de uma carreira longa e justa. Permitiu que brincasse a sua juventude com tantos outros que estavam ali, diplomas na mão, tubos de promessa de eternidade. E chorou sozinho, disfarçando o soluço da dor no soluço da emoção. Poderia ser tudo mentira, mas não era.

A esperança vem. Depois da revelação, a cumplicidade, a luta conjunta pela prorrogação das mãos dadas, dos olhares silentes de pai e filho em busca do tempo. Esperança, amigo. Que descubram algum antídoto para a mordida fatal!

A surpresa que traz a dor traz também a resistência.

Outra amiga lamentava o destino do pai, de hospital em hospital depois de uma vida plena de muitos feitos. De um atleta a um claudicante carente de cuidados. Chorava pela dor do outro, pelo amor impotente de fazer voltar o tempo em que não havia tempo de parar. As lembranças ficaram no passado quando o quarto era mais colorido que o do hospital. Junto à dor, o acolhimento, o aprendizado, a valorização da vida.

Seria justo alguém ter de experimentar a perna amputada, o membro faltante, o andar vagaroso? Os olhos lacrados? A consciência perdida? Seria justo contrair doença sem fazer mal algum a alguém?

Volto ao pai e ao filho em dia de formatura. Eram tantos jovens ali e por que justamente o seu filho teria de dar adeus primeiro à festa, por que ele?

Padre, há muitos mistérios nesta vida. Mistérios que nos desafiam a prosseguir independentemente da paisagem que fica ao longe, mesmo sem termos a noção da chegada. Há muita surpresa. Surpreendemo-nos, entretanto, com a nossa resistência diante das rachaduras da embarcação. É o que nos resta. Lutar até o último instante para não anular a esperança.

Temos motivo para ter medo. Do outro lado da rua moram vários sentimentos que nascem de circunstâncias e que desanuviaram nossa morada. Clamam um a um por alguma resposta. Aguardam a liberdade de atravessarmos e de irmos ao encontro da nossa redenção.

Amigo, quantos são os que, depressivos, desistem do verbo atravessar. Repentinamente, desistem. Sem muitas explicações,

até porque explicações não há. Os sentimentos estão ali. É preciso sair, é preciso ir! Os sentimentos não podem atravessar a rua e vir ao nosso encontro. A liberdade mora do lado de cá. É a ação, não a passividade que nos revela a vida feliz. Não quero entrar nos detalhes complexos da depressão, mas essa é uma patologia que nos leva para lugar nenhum e nos deixa lá descalços. Todas as vezes que ousamos atravessar, o calor do chão nos lembra de que não estamos protegidos e novamente nos fechamos, anunciando que a esperança não quis ficar. Tem gente que não entende e acha que o depressivo é alguém com pouco trabalho; que quem tem o que fazer não perde tempo com as doenças da psique. Ledo engano, amigo. Depressão é aterrorizante. Está sempre à espreita. Em estágios mais elevados, retira o sabor da vida e algumas vezes a própria vida. A síndrome do pânico também mora nos porões do medo que nos garantem o que não existe. Imaginamos o fim, quando estamos no começo ou no meio. Sofremos pela desconstrução do que é sólido, agasalhamo-nos no calor e saímos imersos em capas e sombrinhas em dias de tempo bom. Por que será que não nos convencemos de que é tudo ilusão nascida de algum lugar desconhecido? Por que não decidimos imediatamente conhecer o que nos aprisiona sem grades? Não sei a resposta, amigo. Só sei que conheço gente que não quer acender a luz simplesmente porque a escuridão parece ser mais acolhedora ou porque deseja antecipar a partida. Por que partir antes da hora? E quem sabe qual é a hora?

Esperança, padre, é o que persigo na vida, ciente de que fracasso muito na compreensão do outro e na minha própria. Cobro de mim o que não consigo dar e espero que o outro me conceda o que já tenho. Teimo em requisitar explicações para dias sombrios em vez de aguardar um pouco as nuvens partirem. Sofro quando não consigo entranhar o que sei, o que ensino. Digo coisas bonitas sobre o amor porque li ou aprendi, ou percebi, e por isso sofro quando escondo em mim o amor sem ter a coragem de vencer o medo que me impede de amar. O medo não consciente que faz com que eu seja rude, tosco. Luto pela gentileza para ser coerente com a minha pregação e falho quando estou cansado.

Tenho medo do cansaço, amigo. Do cansaço da cobrança virulenta, minha e dos outros; do cansaço físico que faz com que eu brigue com o tempo que não espera o tempo necessário para que eu atenda a quem necessita. É uma briga valente exatamente porque acredito na missão. Na missão que vence o medo porque tem uma causa.

Dia desses um enfermeiro relatou-me seus conflitos internos. Disse que atendia diligentemente cada um dos enfermos que ficavam sob seus cuidados e que era criticado pelos seus companheiros por trabalhar tanto e ganhar tão pouco. Pregavam o descuido com o outro sem perceber. E ele sentiu-se insultado por ser cioso do seu ofício. Disse-lhe que o trabalho oferece pelo menos duas recompensas: a financeira e a moral. Trabalhamos porque temos de receber para viver, para construir, para zelar. E trabalhamos porque servimos a uma causa. E que causa!, dizia eu a ele. O enfermeiro acolhe quem está mais vulnerável. Ninguém gosta de ficar doente e como é bom receber o medicamento certo e a ternura que restabelecem a esperança na humanidade e no amanhã!

Volto ao medo do cansaço. Tenho medo de conviver com a miséria e me acostumar com ela; medo de deixar de acreditar na bondade do ser humano; medo de me sentir impotente diante do que corrompe e dilacera; medo de abrir mão do meu ofício de educar. E isso, amigo, seria perder a esperança. Não digo deixar de educar nas salas de aula, mas nas aulas com que a vida nos presenteia. Sofro pelo braço que estendo e que não encontra o outro, que prefere permanecer deitado. Sofro o sonho do amigo da esquina, que não aceita o meu convite de atravessar a rua para encontrarmos juntos os sentimentos.

Choro o choro compartilhado dos que saem em busca daqueles que desistiram e que vivem, sem vida, amontoados em nada. Dormem nas cruezas do abandono por imposição da decomposição da ternura, de famílias desnudadas pelo vento da agressão. Choro pelas crianças que não querem voltar para casa por medo da violência bêbada de pais despreparados para o convívio.

Choro a falta de amparo dos jovens privados de liberdade por um tempo, mas que precisam de acolhimento para a volta necessária. Choro, amigo, o medo de parar de chorar por essas veias abertas sangrentas que retratam a nossa pouca habilidade com o outro.

Evoluímos tanto e quase nada. Será que somos melhores do que os botocudos, do que os primitivos, do que os que acendiam fogo e se encantavam com o milagre do aquecimento? Será que o progresso nos aquece ou nos esquece? Quem somos nós, neste turbilhão de descobertas e informações? Quem somos nós, nesta corrida irracional em que nos iludimos em busca do troféu de campeão? Campeão em quê, amigo? Vencedores? Derrotados?

Trata-se apenas do tempo da comemoração e do esquecimento. E nada mais. Brigas inúteis pela ausência de causa.

Em alguns momentos, perco-me em divagações que expulsam de mim a esperança. Fico atormentado com o quanto que ainda precisa ser feito para a restauração da dignidade humana. Há sujeira por todos os lados, e há operários bem remunerados vigilantes para espantar os limpadores. A mentira parece ganhar da verdade e rir dela como se ri de uma criança desprevenida. A corrupção se justifica pelos usos e costumes, e as bruxas saem ávidas para caluniar os corretos. Os sujos querem dizer que os limpos alguma sujeira têm.

Tenho medo da injustiça. Meu pai me ensinou valores intangíveis em sua simplicidade. Minha mãe mostrou-me o tratado do amor em seu colo meigo. Disse-me com olhos lacrimejantes que a dor maior é não viver. Tenho saudades de cada fase da minha mãe. De voltar da escola e receber seu beijo. Das suas reclamações com meu pai. Da sua risada sem economias. Das suas esperanças.

E eu estou aqui, privilegiado pelos pais que Deus me deu, desejoso de não me acovardar, ansioso por cumprir o meu ofício.

Amigo, as mulheres e os homens recolhidos atrás das vidraças corriam menos riscos do que os que saíam em procissão nas cida-

des do interior. Em casa, não eram vistos nem criticados. Em casa, não eram copiados e nem rechaçados. Mas já falamos que os sentimentos precisam de travessia.

Tenho medo de me trancar em casa por achar que, na procissão, não arrasto mais ninguém. De ficar apenas no meu interior.

O medo da injustiça me apavora pouco nos arranhões da minha imagem e muito na impossibilidade de servir a causa que abraço. Não tenho medo das críticas, tenho medo da criatividade mordaz que rouba o que não tenho e que traz o que não quero.

Padre Fábio, os dons que recebi de Deus não são poucos. Aprendi com um outro pai, Monsenhor Jonas Abib, que devemos assumir os talentos que recebemos sem falsa modéstia. Deus me deu talentos. E eu não quero enterrar nenhum desses talentos. É isso que nos ensina a parábola de Jesus, que é necessário multiplicar os talentos. E é isso que tento fazer sem preguiça. Trabalho com ardor, amigo. E trabalho com respeito a essa breve jornada que é a vida. Não sou mais criança e, como você disse em uma das suas cartas, eu também envelheço a cada dia. Não tenho mais alguns sonhos de menino, mas tenho outros. Inspiro-me em alguns referenciais, pessoas que não envelhecem porque não se entregam. Lutam. Lutam bravamente pelos seus ideais. São homens e mulheres de têmpera, de brio. São escritores, prosadores, poetas, professores, sacerdotes, políticos, profissionais, amadores; são vencedores. São pais, mães, amigos, companheiros de causas; amantes da humanidade.

Padre Fábio, quando eu era criança, sonhava em ser padre. Conheci padres fascinantes e quis ser como eles. Lembro-me de que diante do sacrário, ainda menino, pedia a Jesus que eu não abandonasse a minha vocação. Queria celebrar o sacrifício, pregar a palavra, aliviar as dores, ouvir as feridas e tocá-las delicadamente para anteciper a cicatrização. Acredito, amigo, sem falsa modéstia, que teria sido um bom padre. Segui outro caminho. A política me convidou a conhecê-la. Fiquei pouco tempo e saí. Fiz-me educador e

escritor. Quis conhecer o direito e encantei-me com a justiça. Voltei para a política sem deixar de escrever nem de professar a minha esperança de que é a educação a profetisa do novo mundo. Só a educação é capaz de ensinar ao homem a beleza do próprio homem; só a educação retira as vendas que cegam e enfeiam o caminhante. É preciso ver o cenário e é preciso olhar para o lado, há mais gente caminhando. Não sei o que serei amanhã. Só sei que não quero desistir da esperança. Mesmo que me acusem de utópico, de ingênuo. Antes disso do que me chamarem de comparsa daqueles que fecharam as portas da esperança. A não ser que eu sinta que tenho o poder de abri-las. Ou isso ou a partida.

Tento me imaginar daqui a dez anos, aos 50. Vejo meus confrades de 80 ou 90 anos que tanto amo e fico imaginando se terei essa graça da longevidade. Se tiver, o que farei com o tempo que me resta? Se não tiver, o que terei deixado de fazer? É o que você diz na sua carta quando fala do mês que restava àquele pai doente. O que a filha poderia fazer com o pai no tempo que lhe restava? Trancafiar-se ou sair? Deitar ou levantar? Aquecer-se nas cobertas envelhecidas ou nas manhãs ensolaradas das ruelas propícias ao encontro?

Padre Fábio, a graça de Deus é canção que nos convida a acalmar os nossos sentimentos e nos preparar para o amanhã.

Tomás de Aquino afirmava que um ato só é humano se for livre. Não quero deixar de ser livre, amigo. Não quero deixar que me tranquem em convenções e que exijam de mim o que eu não quero ou não posso dar. Quero ser assim, precário na minha humanidade, mas pleno na crença de que não vim a este mundo por acaso e que não paro por aqui. Pleno na convicção de que são as pontes, não os muros, que nos ajudam a encontrar a beleza na diferença e no amor. Viva a diferença, amigo. É nela que nos encantamos ainda mais com a criatividade do Artista maior. É em sua direção que partimos em busca de significados. É preciso buscar sempre porque sempre haverá algo a ser encontrado. Mesmo que o navio não tenha chegado.

Que triste a cena das famílias partindo sem o encontro esperado dos navegantes! Não era esse o combinado. Estavam ali para festejar, não para lamentar. As lágrimas seriam de emoção, não de angústia. Resta o consolo dos outros que também sentem. Resta a certeza de que o mar não é suficientemente forte nem fundo para negar a vida contida. Creio, amigo, que ponto final é um recurso de gramática, obra de ficção. A vida é real. Não paramos por aqui.

O vento da liberdade é o cicerone da nossa visita. Bobagens devem ser deixadas de lado. Faz-se mister que nos libertemos dos objetos que nos aprisionam. Não quero julgar, até porque a lição de Jesus com a pecadora já me selou definitivamente. Não tenho o poder de dizer o certo nem o errado. Sou apenas um aprendiz da felicidade e, nessa escola, permito-me comungar com a certeza de que a simplicidade será o caminho mais curto para aproximar-me da Felicidade Plena, do Amor Total. Deus é a plenitude da simplicidade. Na arrogância dos nossos degraus, construídos com o sacrifício de outros, não conseguimos fazer a experiência. É na simplicidade que nos entregamos e que partimos curiosos para a contemplação. Antes e depois. O céu começa aqui e se plenifica depois. A simplicidade do amor antecipa o que haveremos de viver. E o oposto também. Os sentimentos precários como a mesquinharia, a arrogância e o trancafiamiento nos impedem de contemplar o Belo que nos aguarda. E nascemos para o altruísmo. Para o êxodo e o êxtase. Quanto esconderijo desnecessário.

Tenho medos, amigo; mas tenho esperanças. E é a essa chama que me entrego para que consuma os meus dias em tempo certo. É a essa chama que me lanço para modestamente iluminar e aquecer, como filho de Deus, o quintal que me cabe. Não sei quantas pessoas passaram ou passarão por mim nem sei durante quanto tempo estarei na passagem, mas o que peço a Deus é que eu tenha dignidade suficiente para utilizar os talentos nesse fogaréu sustentado pelas lenhas do amor. Nada de enterros nem de esquecimentos. Multiplicação! Cada irmão meu que passar por

aqui haverá de se enxergar nas chamas que me consomem. Apenas isso. Se enxergarem-se, contemplarão os traços do Artista e cuidarão da obra sem desanimar.

Talvez amanhã, padre Fábio, nos encontremos menos, porque a vida nos leva para outros cenários; talvez nos olhemos um pouco mais. Não sei. O vagão de trem para sem avisar. E, nas estações, há vida em busca de vida para saber o momento certo de iniciar. E o momento é esse. É sempre esse em que nos damos a oportunidade de entender. Entendemos que se não negligenciarmos o que somos, seremos.

O exercício de nossa vocação é o exercício de nossa paixão. A paixão de Cristo nos confidenciou outras paixões. Ele nos surpreendeu e nos seduziu. Sei que tem gente que não acredita. Sei que tem gente que acha que tudo é o acaso. Não quero julgar ninguém, apenas caminhar junto. Acredito, padre, em uma Igreja que acolhe, que abraça, que ama. Nada de cismas. Deixemos isso para o passado. Nada de inquisição. Já superamos esse período. Talvez por isso João Paulo II tenha falado tanto sobre o amor. O amor que o fez enfrentar o nazismo e o comunismo com suas mortandades. Da Polônia para o mundo. De ingênuo, como diziam os seus críticos, se fez pregador do amor, visitante incansável dos recantos admiráveis do mundo em que vivemos. O amor que inspirou Bento XVI em sua primeira encíclica que anunciou a seguinte, a esperança. O amor que o fez sofrer diante de campos de concentração, desculpando-se pela omissão e que o faz sorrir diante dos jovens que se multiplicam em suas pregações, prenunciando um novo tempo.

Não quero me despedir sem antes deixar consignada a esperança que tenho na humanidade. Acho que o caminho é longo para o encontro da harmonia entre os diferentes, para a vitória da paz, como fruto da justiça. Acho que as montanhas escarpadas não nos darão trégua. Mas lá no alto reside uma flor. Uma flor bela, desconhecida de muitos por falta de tempo ou de atenção. Uma flor eternamente jovem porque exala um perfume generoso que empresta sabor aos alpinistas. É assim no reino imaginário das flores raras. Quanto mais se enfeita e se perfuma, mais se eterniza. Essa viagem, amigo, é longa. É a via-

gem que parte da razão que aprendemos para a emoção que às vezes não entendemos. É a viagem que parte da matéria, que parte para o espírito que reparte. É o repartir que o Mestre nos ensinou antes da partida. É de pão que precisam os famintos de esperança. De um pão novo, de uma nova aliança.

Sonhadores já passaram por aqui e já atravessaram a rua em busca dos sentimentos. Já foram e já ficaram. Já renderam homenagens à natureza humana tão sofrida e feliz; tão paradoxal. Alguns que estão por aqui agridem, porque não atravessaram a rua e outros cuidam; alguns pisam, outros ajudam; alguns odeiam, outros amam. É uma questão de escolha, amigo. E depois da escolha, a perseverança no que é correto.

Obrigado por ler as minhas divagações e por emprestar seu tempo às inquietações que me acompanham.

Obrigado por se fazer presente na solidão dessas letras que vão surgindo e significando os meus sentidos, a minha razão. Sozinho, em meu esconderijo, convido-o e convido aos outros para entrarem em meu quintal. Há alguma sujeira que, de quando em vez, limpo. Quando não limpo é porque não percebo ou percebo e tenho preguiça. Mas quando recebo visitas, minha chama se acende ainda mais. E a felicidade do acolher me dá nova disposição. Trazem-me lenha os que me amam.

Se convido para o meu quintal não é porque a sala da frente seja reservada para outros mais importantes. É apenas porque aqui ficamos mais à vontade, sem cerimônias. Se quiser convidar outros amigos e seus medos, podem vir. Podem vir as esperanças deles também.

Há bastante espaço e há bastante tempo para prosas e poesias... E tem mais, a flor rara da montanha distante resolveu morar por aqui. Ela é linda!

Com carinho,

Gabriel